

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

JÉSSICA DE FÁTIMA LEVANDOWSKI

(RE) CONSTRUÇÕES PELA EDUCAÇÃO: ANÁLISE DO LIVRO PRECIOSA

**PONTA GROSSA
2019**

JÉSSICA DE FÁTIMA LEVANDOWSKI

(RE) CONSTRUÇÕES PELA EDUCAÇÃO: ANÁLISE DO LIVRO PRECIOSA

Dissertação apresentada para defesa à Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, junto ao Programa de Pós-Graduação (*stricto sensu*) em Estudos da Linguagem, dentro da linha de pesquisa Pluralidade, Identidade e Ensino, como requisito parcial de avaliação para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Professora Orientadora: Dra. Marly Catarina Soares

**Ponta Grossa
2019**

L655 Levandowski, Jéssica de Fátima
(Re) construções pela Educação: análise do livro Preciosa/ Jéssica de Fátima Levandowski. Ponta Grossa, 2019.
71 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de concentração – Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Marly Catarina Soares

1. Teoria da literatura. 2. Análise literária. 3. Educação. 4. Preciosa. I. Soares, Marly Catarina. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa- Mestrado em Estudos da Linguagem. IV. T.
CDD : 808

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos– CRB9/986

(RE) CONSTRUÇÕES PELA EDUCAÇÃO: ANÁLISE DO LIVRO PRECIOSA.

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de
Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa,
Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 04 de novembro de 2019.



Marly Catarina Soares

Doutora em Literatura – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Lucimar Rosa Dias

Doutora em Educação – Universidade Federal do Paraná



Jone da Silva Jovino

Doutora em Educação – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dedico esta pesquisa ao meu marido Victor e as minhas
filhas Mariana e Alice.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente pela fé que me ajudou a caminhar nessa estrada que é o Mestrado. Sou grata a Deus pela força, pela perseverança que sempre plantou em meu coração.

Minha eterna gratidão à Professora Marly, minha orientadora, por me incentivar desde 2009 e me mostrar a satisfação da pesquisa, a beleza da Mulher na Literatura. De Capitu até Precious, de um extremo a outro, já se pode imaginar o tamanho da caminhada e devo isso a ela, que além de orientadora, também foi minha amiga, conselheira.

Muito obrigada à banca da defesa por aceitar avaliar meu texto e colaborar com ele fazendo apontamentos muito importantes e pertinentes desde a banca de qualificação.

Obrigada, minha filha Mariana, por me mostrar o quão gratificante é ver crescer um ser tão iluminado e alegre que, incrivelmente – pois chega a ser inacreditável -, foi gerado por mim. Agradeço por demonstrar orgulho pela profissão que eu escolhi, por, mesmo não sabendo que faz, me incentivar a crescer profissionalmente a cada dia mais.

Agradeço ao meu marido, Victor, pelo apoio, pelas palavras de ânimo, pelos puxões de orelha, por me levar, buscar, estar comigo e com a nossa bebê na universidade para que eu pudesse amamentá-la. Obrigada por dividir comigo essa vida.

Obrigada, minha filha Alice, por me mostrar que uma mulher pode ser mãe e pesquisadora. Que a caminhada é árdua eu sempre soube, mas que é tão gratificante... ah! Esse mérito é seu!

Agradeço ao meu pai José Carlos e minha irmã Juliana, que, por vezes, cuidaram da minha bebê para que eu acompanhasse as disciplinas. Obrigada pela força!

Obrigada, meu irmão Jeferson, por sempre me incentivar a alçar voos, demonstrar orgulho e alegria com as minhas conquistas.

Obrigada, minha mãe Rosi, sempre preocupada, interessada em meus planos. Todas às vezes que lhe contei que estava no mestrado, me fitou com olhar de admiração. Por enquanto só gostaria de dizer muito obrigada, pela vida, pelo exemplo, pelos ensinamentos. Estaremos juntas hoje e sempre.

Obrigada a minha avó, Anna, que mesmo não estando mais neste plano, foi peça fundamental para que eu me tornasse professora e buscasse o Mestrado. A Sra. existe dentro do meu coração e nas minhas orações.

Obrigada a todos os meus colegas de pós-graduação pelas participações em sala de aula, pelos auxílios, pelas conversas e pelos risos que deixaram a caminhada mais leve. Desejo a todos um futuro brilhante!

Muito obrigada às minhas amigas e amigo do Grupo de Estudos GESFEM (Marly, Luiza, Rosenéia, Thatiane, Izabel, Kássia, Tamires e Lucan) por compartilharem comigo seus saberes, assim como suas incertezas, seus projetos e por me incluírem em alguns deles.

Agradeço imensamente aos professores que deixaram suas marcas durante o Mestrado, pelos seus ensinamentos, por dividirem conosco sua sabedoria, mas também suas incertezas, diante do atual cenário político e educacional do nosso país.

Obrigada à coordenação do Mestrado em Estudos da Linguagem, por me proporcionar estar em um programa desta magnitude. À atual, professora Eunice, e à anterior, professora Silvana.

Obrigada, Vilma, Secretária do Mestrado, por sempre me responder prontamente e ser essa figura simpática e querida.

Meus sinceros agradecimentos a todos que estiveram direta ou indiretamente envolvidos para que esse projeto se concretizasse.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos durante todo o período de estudo.

Muito obrigada!

“A escrita pode ser o barco que vai levar você para o outro lado.” (SAPPHIRE, 2014, p. 112).

RESUMO

A Literatura é também uma fonte de pesquisa, pois se partirmos do pressuposto de que ela reflete uma sociedade, nela também haverá denúncia social. A partir da análise literária de Preciosa, esta dissertação promove uma discussão a respeito do poder transformador da educação quando praticada de forma engajada. Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é: analisar sob a ótica da Teoria Literária e das teorias sobre uma pedagogia engajada a relação de Precious com a escola regular e o Projeto Cada Um Ensina a Um. A pesquisa é de caráter bibliográfico, cuja metodologia empregada é a análise texto. Num primeiro momento há a contextualização das funções da Literatura segundo D'Onofrio (1995), Cândido (1999) e Durão (2015); Em seguida, a compreensão de quem é a autora de Preciosa, Sapphire (Ramona Lofton), como foi sua trajetória e quais suas bases para construir a obra objeto de estudo; Na sequência uma breve análise sob a ótica da Teoria Literária para discutir sobre os perfis que corroboram para as reflexões junto de Precious, utilizando Leite (1993) e Moisés (2004); Tratando sobre a personagem enquanto oprimida há a abordagem a partir de Freire (2005) e hooks (2013); Sobre a escola 146 e o que ela poderia ter oferecido à personagem e o Projeto Cada Um Ensina Um auxiliaram na reflexão Billings (2008), Freire (1987), Gelbcke (2013), Larrossa (2002), Street (2007), dentre outros autores. O corpus para a realização da pesquisa é o romance de Ramona Lofton (Sapphire), *Preciosa*, publicado em 1996 com o título *Push* em inglês e traduzido para a língua portuguesa por Alves Calado e publicado em 2010, pela editora Record. Concluiu-se que quando vista como uma aluna em potencial e ocorrendo um ensino engajado, respeitoso, Precious teve a oportunidade de aprender e se desenvolver em vários aspectos da sua vida.

Palavras-chave: Teoria da Literatura; Análise Literária; Educação; Preciosa.

RESUMEN

La Literatura es también una fuente de pesquisa, porque se partimos del presupuesto de que ella refleja una sociedad, en ella también habrá denuncia social. A partir del análisis literario de *Preciosa*, esta disertación promueve una discusión a respecto del poder cambiador de la educación cuando hecha de forma engajada. Delante de eso, el objetivo general de esta pesquisa es analizar sob la otica de la Teoria Literaria e de las teorías sobre una pedagogía engajada la relación de Precious con la escuela regular y el proyecto Cada Um Ensina Um. La pesquisa tiene carácter bibliográfico, cuya metodología empleada es el análisis del texto. En un primer momento ha a contextualización de las funciones de la Literatura según D'Onofrio (1995), Cândido (1999) y Durão (2015); En seguida, la comprensión de quién es la autora de Preciosa, Sapphire (Ramona Lofton), como fue su trayectoria y cuales sus bases para construir la obra objeto de estudio; En la secuencia una breve análisis sob la otica de la Teoria Literária para discutir sobre los perfis que corroboran para las reflexiones junto de Precious, utilizando Leite (1993) y Moisés (2004); Tratando sobre la personaje mientras oprimida ha el abordaje a partir de Freire (2005) y hooks (2013); Sobre la escuela 146 e lo que ella podría ter ofrecido a personaje y el Proyecto Cada Um Ensina Um auxiliaran en la reflexion Billings (2008), Freire (1987), Gelbcke (2013), Larrossa (2002), Street (2007), entre otros autores. El corpus para la realización de esta pesquisa es el romance de Sapphire (Ramona Lofton), *Preciosa*, publicado en 1996 con el título *Push* en inglés y traducido para la lengua portuguesa a través de Alves Calado y publicado en 2010, por la editora Record. Concluyese que cuando vista como una alumna en potencial y ocurriendo una enseñanza engajada, respetosa, Precious tuvo la oportunidad de aprender y se desarrollar en varios aspectos de su vida.

Palabras-clave: Teoria de la Literatura; Análisis Literaria; Educación; Preciosa.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	p. 10
 CAPÍTULO 1 – MINHA VIDA NÃO FOI UMA ESCADA DE CRISTAL.....	 p. 13
1.1 A LITERATURA ENQUANTO OBJETO DE PESQUISA.....	p. 14
1.2 A OBRA <i>PRECIOSA</i> E AS CRIAÇÕES A PARTIR DELA.....	p. 16
1.2.1 Autora e obra.....	p. 17
1.2.2 <i>Preciosa: uma história de esperança</i>	p. 21
1.3 CLAIREECE PRECIOUS JONES E SEU CAMINHO REPLETO DE TACHINHAS.....	p. 23
 CAPÍTULO 2 – SEM COBERTURA.....	 p. 34
2.1 A ESCOLA 146.....	p. 34
2.2 EDUCAÇÃO DESENGAJADA.....	p. 37
2.3 RELAÇÕES NADA AMISTOSAS.....	p. 42
 CAPÍTULO 3 – MAS O TEMPO TODO TEM SIDO SUBIDA.....	 p. 46
3.1 O PROJETO CADA UM ENSINA A UM.....	p. 46
3.1.1 Como se deu a entrada no projeto.....	p. 46
3.1.2 Os objetivos do projeto.....	p. 46
3.1.3 As primeiras impressões.....	p. 47
3.1.4 As colegas de turma.....	p. 48
3.1.5 As práticas metodológicas.....	p. 49
3.2 A PROFESSORA BLUE RAIN.....	p. 57
3.3 OS RESULTADOS DA PEDAGOGIA ENGAJADA.....	p. 62
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 p. 66
REFERÊNCIAS.....	p. 69

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa foi motivada através da leitura da obra *Preciosa* (2014), de Sapphire e da observação feita com relação às diversas possibilidades de análise que o livro traz. Após a leitura desta obra sentiu-se necessidade de pesquisar mais a fundo a respeito de alguns assuntos que pareceram pertinentes. Esta obra é o nosso objeto de estudo e aborda as relações de gênero e raça, violência sexual e física contra crianças e adolescentes, negligência familiar e escolar, relações de poder, a importância da escola formadora e da pedagogia engajada, assim como da relação professor e aluno, buscamos manter nosso foco sobre as discussões a cerca da transformação através da educação, partindo da análise literária, baseando-se na Teoria Literária. Encontra-se a pertinência e a relevância deste trabalho também devido ao seu ineditismo, pois não foi encontrada nenhuma outra pesquisa em Língua Portuguesa que utilizasse o livro como objeto de estudo e análise até a presente data.

A problemática apresentada na obra trata da transformação da narradora protagonista a partir de sua entrada na Educação Alternativa. As perguntas que buscamos responder no decorrer desta pesquisa são: 1) A pedagogia engajada da professora Blue e da Educação Alternativa transformaram a vida de Precious? (principal). 2) Quais eram as relações que Precious tinha com a escola regular e seus participantes? 3) De que forma a pedagogia engajada e professores culturalmente relevantes podem ter auxiliado Precious em sua trajetória?

Para responder estas questões traçamos alguns objetivos. O geral foi: analisar sob a ótica da Teoria Literária e das teorias sobre uma pedagogia engajada a relação de Precious com a escola regular e o Projeto Cada Um Ensina a Um. Específicos: Justificar a possibilidade da Literatura servir como base para reflexões sociais; Identificar os obstáculos que atrapalharam Precious no seu desenvolvimento na escola regular; Identificar as relações que mantinha com professores e colegas da escola regular; Refletir sobre como a escola em sua totalidade poderia ter auxiliado Precious em seu desenvolvimento escolar; Analisar quais as relações que mantinha no Projeto Cada Um Ensina a Um com a professora Blue Rain e suas colegas; Identificar quais eram as metodologias do projeto e verificar de que forma elas contribuíram para o desenvolvimento de Precious; Refletir sobre a importância da figura da Professora Blue Rain para o desenvolvimento de Precious.

Para cumprir com estes objetivos utilizamos a pesquisa de caráter bibliográfico e de análise de texto. Através da leitura e reflexão de artigos publicados em eventos, periódicos, livros e reportagens, construímos uma base teórica que disserta, principalmente, sobre as temáticas da análise literária e educação.

Num primeiro momento D'Onófrio (1995), Durão (2015) e Cândido (1999) foram importantes na abordagem da importância e possibilidade da obra literária como fonte de pesquisa, pois ela reflete a sociedade, possibilita a sua análise com relação a outros livros e ciências, oferecendo também um viés pragmático, ideológico.

Dartis (2013), Freitas (2015) e Victor (2010) escreveram reportagens sobre Ramona Lofton, a autora de *Preciosa* que se autodenomina Sapphire. A partir destes autores foi possível saber da vida pessoal e trajetória profissional da autora, compreendendo melhor as bases para a construção da obra objeto de análise.

Mendel e Pelisoli (2012), Diógenes e Prado (2010) e Baptista e Farina (2012) utilizaram o filme, adaptação cinematográfica a partir do livro, para discutir sobre a resiliência, o ambiente escolar e a estigmatização dos lugares sociais, respectivamente.

Com Leite (1993) e Massaud Moisés (2004) embasou-se a análise literária, partindo da Teoria Literária.

Através de hooks (2015) e Freire (2005) analisou-se e discutiu o papel de Precious enquanto personagem oprimida pela sua família, escola e sociedade.

Abuchaim *et al* (2016) serviu de base para a reflexão da importância dos vínculos afetivos familiares.

Saffioti (1989; 2001) corroborou com a reflexão a partir de seu conceito de relação dominadora-exploradora, discutindo violência de gênero e a síndrome do pequeno poder.

Para tratar sobre o espaço escolar de educação formal Cascais e Terán (2014) e Gohn (2006), os professores e as relações de dialogicidade Freire (1987), professores culturalmente relevantes e projetos que deram certo na inclusão de alunos afro-americanos Billings (2008), sobre a pedagogia engajada e o ensino para a liberdade hooks (2013) e o papel da escola Gelbcke (2013).

Passmore (1980) e Scott (1988) auxiliaram a compreender a importância da linguagem e Larrossa (2002), Blanchot (2005), Alberti (1991) e Brito (2007) sobre a importância da escrita e dos diários.

Munanga (2006) abordou a importância da flexibilização dos currículos e Street (2007) sobre as práticas de letramento.

Os capítulos seguem uma divisão estratégica que busca, primeiramente, justificar a importância da pesquisa, em seguida contextualizar a problemática para, enfim, discorrer sobre o aspecto principal que é a transformação através da educação.

No primeiro capítulo é possível observar uma reflexão sobre a possibilidade e importância de utilizar a Literatura para discutir aspectos sociais, bem como relacioná-la com outras ciências. Também se descreve informações pertinentes sobre a autora e a obra, bem como uma breve análise para contextualizar a relação da narradora protagonista com os personagens analisados.

No segundo capítulo aborda-se a relação de Precious com a escola 146, os episódios de enfrentamento com colegas e professores, os episódios de discriminação e bullying e a negligência escolar.

O terceiro capítulo busca demonstrar a transformação de Precious, abordando as relações na Educação Alternativa, no Projeto Cada um Ensina a Um. Evidencia-se a relação com os colegas, com a professora, a metodologia nas aulas e os resultados após a entrada da jovem no projeto.

Nas considerações finais conclui-se que após a discussão a cerca da temática, foi possível considerar que a transformação e o desenvolvimento de Precious se deram a partir da sua entrada na Educação Alternativa, do Projeto Cada um Ensina a Um, no qual a influência da professora Blue foi crucial para a trajetória de sucesso da personagem. Desta forma, enquanto professora culturalmente relevante respeitou e reafirmou as relações culturais, desempenhando seu papel com responsabilidade e humanidade. Já quanto à escola regular, ficou evidente o descaso com o qual tratavam Precious, negligenciando a aluna enquanto poderiam ter interferido, não mentido sobre seu desempenho na escola e oportunizado para a jovem uma educação séria, sincera e comprometida.

CAPÍTULO 1 MINHA VIDA NÃO FOI UMA ESCADA DE CRISTAL

De mãe pra filho

Bom, filho, vou lhe contar:
Minha vida não foi uma escada de cristal.
Havia tachinhas nela,
E farpas,
E tábuas quebradas,
E lugares sem tapete no chão...
Sem cobertura.
Mas o tempo todo
Tem sido uma subida,
E chegar nos patamares
E virar nos cantos,
E às vezes entrando no escuro
Onde não tem nenhuma luz.
Então, garoto, não volte atrás.
Não desça os degraus
Porque acha meio difícil.
Não caia agora...
Porque eu ainda tô subindo, querido,
Ainda tô subindo,
E a vida pra mim não tem sido uma escada de cristal. (SAPPHIRE, 2014, p. 129).

O poema que introduz o capítulo foi escrito por Precious, personagem da obra *Preciosa*¹, de autoria de Sapphire – Ramona Lofton. Considero esta citação apropriada, pois sugere uma síntese da caminhada de Claireece Precious Jones, narradora e protagonista da obra em questão e também por entender que descreve sua trajetória de vida assim como a minha trajetória durante a pesquisa e a escritura desta dissertação. Diante disso, neste primeiro capítulo aponto que não existe uma escada de Cristal por onde Precious poderia ter andado, ao verificar como se dão as relações familiares, entre Precious, a mãe Mary e o pai Carl durante a adolescência e o quanto tais relações prejudicam no processo educacional dos seus primeiros anos de escola.

O romance *Preciosa* suscita uma reflexão sobre os processos educacionais aos quais uma criança/adolescente está sujeita durante a sua trajetória de vida. Ao analisar a personagem principal e as relações que se estabelecem com outras personagens vai se evidenciando pouco a pouco como os ambientes ditos educacionais podem deformar ou transformar suas vidas. Para realizar esta pesquisa, busco analisar a obra de Sapphire (meu objeto de pesquisa) a partir de preceitos da Teoria Literária, mas com foco nas reflexões a respeito sobre educação

¹ Precious é o nome da personagem analisada, Claireece Precious Jones. *Preciosa* é o nome do livro traduzido para o português e é assim que me refiro a ele.

e seu poder transformador. Inicio este primeiro capítulo com reflexões teóricas de autores reconhecidos na área da Literatura sobre como esta leva o leitor a relacionar ficção e realidade. O que há de importante no enredo que leva o leitor a refletir e a interpretar o mundo a sua volta. Na sequência faço uma apresentação da autora e sua obra, dando ênfase ao romance “Preciosa”, seu contexto e sua repercussão quando transformado em filme. Para complementar o capítulo faço uma análise da obra, com um perfil de cada uma das principais personagens que têm relação direta com a protagonista Precious².

1.1 A LITERATURA ENQUANTO OBJETO DE PESQUISA

D’Onofrio (1995) em seu livro *Teoria do Texto* apresenta um capítulo denominado Funções da Literatura. O autor faz um estudo a respeito da função da obra literária e conclui que esta arte é plurifuncional: estética, lúdica, cognitiva, catártica e pragmática. Nesse sentido, esta pesquisa dialoga com a função pragmática por retratar ideologias, pensamentos e teorias sobre determinadas temáticas.

Fábio Durão afirma (2015, p. 378) em seu artigo *Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários*: “A Literatura pode servir de inspiração para todas as ciências.” Assim, ela está presente nos estudos históricos, geográficos, sociais e até de saúde. Porém, a Literatura pode contar apenas com o experimento da interpretação, única estratégia de análise que poderá ser dialogada com outras críticas ou ciências. Neste trabalho a interpretação e análise literária levam a reflexões sobre a Educação, dentre os diversos temas que podem ser aqui explorados.

Em uma palestra *A Literatura e a formação do homem* (1999) Antônio Cândido afirma na introdução que:

Há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana. (p. 82).

² A personagem Claireece Precious Jones será nominada por mim durante a dissertação como Precious e *Preciosa* tratarei como título do romance.

Dentro de cada obra há além da narrativa ficcional, também visões do próprio autor, sobre valores, a sociedade em que está inserido e críticas. Essas características fazem do livro mais do que entretenimento, expõem a sociedade, refletem seus hábitos, preferências, bem como seus vícios, crimes e misérias. Em *Preciosa* temos um compilado de informações reais que a autora obteve e as transformou em ficção. Não há um fato real e um personagem real, mas uma soma de experiências reais observadas e transformadas em personagens e no enredo do romance.

Antônio Cândido (1999) relaciona a ficção com a fantasia, pois acredita que o ser humano consome diariamente doses de fantasia por necessidade, não só pensando em Literatura, mas em loterias, anedotas, lendas, etc. Dessa forma, a Literatura seria uma maneira de satisfazer essa necessidade psíquica fantástica.

Grande parte das narrativas e, neste caso esta aqui analisada, são compostas a partir de elementos reais, sociais e culturais. As modalidades de moradia, ensino, relacionamentos, profissões, dentre tantos outros aspectos encontrados nos livros, são construídos com base no mundo exterior, na realidade que nos circunda.

Porém, a Literatura não é uma pedagogia didática. Ela pode sim (in)formar, mas de maneira diferente do que as classes dominantes preferem. Ela segue como o curso da vida “com altos e baixos, luzes e sombras.” (CÂNDIDO, 1999, p.84). Ou seja, ela retrata diversas realidades, situações que pode ser bonitas e feias, dependendo da visão de quem lê e de quem compõe.

Sobre a função da Literatura, Antônio Cândido afirma que:

Podemos abordar o problema da função da literatura como representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade. Para isso, vejamos um único exemplo de relação das obras literárias com a realidade concreta: o regionalismo brasileiro, que por definição é cheio de realidade documentária. (CÂNDIDO, 1999, p. 86).

Dessa forma é possível observar a possibilidade de utilizar a literatura como base científica para abordar temáticas vividas pela sociedade que expõem determinadas circunstâncias em uma tentativa de denúncia social, como ocorreu no Romantismo através dos romances regionalistas. Se pensarmos na obra escrita pela autora estadunidense, ela traz para o contexto da obra o contexto norte-americano no que diz respeito a questões de raça (principalmente) aliadas às questões de gênero.

Diante deste apanhado sobre as pesquisas que utilizam a Literatura como fonte de estudo, demonstra-se não só a possibilidade de fazer um diálogo entre esta arte e as temáticas sociais, mas também a importância de dialogar a Literatura com outros campos de estudo. Esta pesquisa partiu do interesse pelo livro *Preciosa* e pelas suas possibilidades de análise. O tema da Educação surgiu da leitura da obra, dentre outros temas de igual importância, por entendermos que foi importante no desenvolvimento/construção da personagem principal e acredito que, neste caso, apresenta um caráter transformador.

1.2 A OBRA *PRECIOSA* E AS CRIAÇÕES A PARTIR DELA

O romance *Preciosa* chegou em minhas mãos por acaso em uma das incursões por uma livraria e a curiosidade levou-me à leitura da obra. Por meio da leitura pude perceber o seu potencial temático (raça, gênero, classe social, gordofobia, violência dentre tantos outros) e, conseqüentemente, fiz um levantamento das inúmeras possibilidades que poderiam ser analisadas para desenvolver meu projeto de pesquisa para o Mestrado em Estudos da Linguagem.

Durante a primeira leitura parei algumas vezes para tomar fôlego, pois as cenas explícitas de abuso e violência me geraram repulsa e indignação. Mas, mesmo assim, eu senti necessidade de continuar lendo. Ao passo que a leitura progredia, mais eu percebia que as necessidades da personagem deveriam ser melhor compreendidas, interpretadas e analisadas. Não há como ficar imune frente à situação de uma jovem, negra, obesa, analfabeta, violentada de diversas formas, considerando meu envolvimento com questões relativas à diversidade de gênero e raça durante minha trajetória acadêmica.

A primeira ideia suscitada seria direcionar a análise do romance para as relações de gênero e raça comparando com o filme; posteriormente, passei a pensar na pesquisa com foco para gênero, raça e ensino somente na obra literária e foi nessa direção que preparei o texto para a qualificação. Entretanto após a qualificação, acatando sugestões da banca, decidi por centrar os estudos no âmbito da educação, porém focalizando na Literatura e não a usando como pretexto, por entender que é a educação a promotora das mudanças significativas na construção da personagem, pois na banca de qualificação ficou evidente que a minha pesquisa estava se direcionando para este caminho.

Lembrando o início da minha história com a obra consigo enxergar que, assim como Precious, o próprio livro que dela falava, encontrava-se subestimado nas estantes daquela livraria. Amontoadado junto aos outros, invisível, pequeno diante de alguns com muitas páginas, de valor financeiro irrisório, guardava em si uma reflexão simples, clara e muito bonita: o transformar-se em uma borboleta, o subir a escada não de cristal, mas enfrentando, eliminando as tachinhas que ali encontrava. O (re)construir-se através da educação. Essas foram as minhas primeiras impressões sobre o livro e a história que ele contava: a invisibilidade tanto do livro e dos temas importantes e atuais que aborda, a simplicidade da edição e o potencial que representava.

1.2.1 Autora e Obra

Ramona Lofton, conhecida no mundo literário por Sapphire, apresentava desde criança uma fascinação pela leitura, por livros, por literatura. Essa fascinação levou-a a escrever seus rascunhos e mostrar a seus amigos que a encorajavam. Nascida na Califórnia, de família de militares (o pai era sargento do Exército e a mãe soldado no *Women's Army Corps*), Ramona era a segunda filha mais velha dentre os quatro filhos do casal. Apesar de a família manter uma aparência de classe média, escondia incesto e alcoolismo. Quando a garota estava com treze anos, seu pai aposentou-se do Exército e mudou-se com a família para Los Angeles. Entretanto, a mãe, que já lutava contra o alcoolismo, não os acompanhou, abandonando-os e voltando a se comunicar anos mais tarde, vindo a falecer em 1986. A morte da mãe e do irmão sem teto assassinado num parque de Los Angeles tiveram importantes papéis na carreira de Ramona. (DARTIS, 2013)³

Durante a década de 70, Ramona mudou-se para São Francisco onde estudou química (brevemente) e dança. Em 1977 transferiu-se para Nova York, onde passou a trabalhar como governanta e dançarina para se sustentar. Voltou a estudar dança na escola *City College* de Nova York, onde se formou com honras em 1993. Em 1995 terminou o mestrado em artes plásticas no *Brooklyn College*.

³ Informações retiradas do site *Black Past*, artigo escrito por Michelle Dartis - RAMONA ["SAPPHIRE"] LOFTON (1950-) publicado em 15/4/2013. Disponível em: <https://www.blackpast.org/african-american-history/lofton-ramona-sapphire-1950/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

O nome artístico Sapphire foi adotado na década de 80 quando ela passou a fazer parte do movimento *Slam Poetry*, surgido nesse período na cidade de Nova York. (DARTIS, 2013)⁴

Considerada poetisa e artista performática, Ramona ensinou ficção e poesia na *Master of Fine Arts*, além de ter trabalhado com redação em diversas universidades americanas. Engajada em movimentos sociais, ativista em favor de oportunidades de vida a jovens negros e negras, a escritora tem participado ativamente contra assassinatos desses jovens por policiais, apoiando o movimento popular que surgiu a partir desses protestos, batizado de *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam). (FREITAS, 2015)⁵. Para a autora:

É preciso acabar com a prática ofensiva de matar negros por razão nenhuma, ou, como dizemos sarcasticamente, “por andar e dirigir sendo negro”. Mas vejo alguma mudança. Mesmo que a morte de Garner não tenha provocado o indiciamento de seu assassino, ela despertou consciências mundo afora sobre práticas policiais que atingem milhões de negros. E o assassino de Scott foi condenado e ainda está atrás das grades. (SAPPHIRE *apud* FREITAS, 2015)⁶.

Para a escritora essas mortes, a violência contra os jovens negros, são fruto do racismo histórico dos Estados Unidos e seus interesses econômicos ligados a ele. Lutar contra o sistema repressor requer armas não apenas de combate, mas de fortalecimento, de encorajamento e superação para a construção e reconstrução de vidas como acontece nas obras escritas por Sapphire.

As primeiras obras publicadas por Sapphire foram: coleção auto-publicada de poemas, *Meditações no Arco-Íris* em 1987, seguida por *American Dreams*, uma compilação de poesia e prosa em 1994, cujo volume chamou a atenção do público literário rendendo-lhe uma bolsa de estudos, *Black Wings & Blind Angels* é outro livro de poemas publicado em 1999, após a publicação do sucesso *Preciosa (Push)* de 1996, *O garoto (The Kid)* veio anos depois, em 2011. As obras publicadas por Sapphire exploram temas como a identidade sexual, a brutalidade policial e seu

⁴ Informações retiradas do site *Black Past*, artigo escrito por Michelle Dartis - RAMONA ["SAPPHIRE"] LOFTON (1950-) publicado em 15/4/2013. Disponível em: <https://www.blackpast.org/african-american-history/lofton-ramona-sapphire-1950/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

⁵ Sapphire, Escritora Americana, Entrevista – Biblio Cultura Informacional – Disponível em: <https://biblio.cartacapital.com.br/sapphire-escritora-americana/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

⁶ Entrevista – Biblio Cultura Informacional – Disponível em: <https://biblio.cartacapital.com.br/sapphire-escritora-americana/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

relacionamento com a mãe alcoólatra e o pai abusivo (assunto este que ela se nega a comentar). (DARTIS, 2013).⁷

Preciosa é um dos seus livros de ficção, foi aclamado pela crítica, alcançando o primeiro lugar nas principais listas de mais vendidos nos Estados Unidos e traduzido para mais de 11 idiomas. Apesar do sucesso do romance que deu a escritora notoriedade não houve grande interesse acadêmico com relação a pesquisas envolvendo a obra.⁸ Além desse romance, Sapphire também escreveu *The Kid*, publicado em 2011, traduzido para a língua portuguesa em 2015, *O garoto*, pela editora Record, cujo enredo é sobre Abdul, filho de Precious personagem principal da obra *Preciosa*, objeto desta pesquisa. O garoto narra sua vida aos 9 anos de idade, após a morte de sua mãe.

A primeira publicação de *Preciosa* foi em 1996, com o título *Push*, traduzido para o português como *Preciosa*, como já visto no parágrafo acima, suscitando algumas críticas feitas em jornais inclusive no Brasil. Uma dessas críticas publicada no *Jornal A Folha de São Paulo*, de 23 de janeiro de 2010, traz a obra como uma boa proposta. O jornalista Fábio Victor, autor da crítica, apresenta a personagem Precious como uma jovem sofrida e iletrada, afirma ainda que, de acordo com a autora, a trama é quase real, pois Sapphire se inspirou nos problemas que aconteciam com seus alunos no Bronx, onde a maioria é negra e latina. Uma dessas histórias reais fala de uma adolescente de 12 anos que deu à luz um filho do próprio pai e outra que era espancada pela mãe. São histórias ocorridas com jovens diferentes e que serviram de inspiração para Sapphire construir a sua personagem Claireece Precious Jones. De acordo com o jornalista, a história de Precious não é a história de uma pessoa somente e sim de um apanhado de várias histórias acontecidas de forma aleatória com diversas jovens. O que faz a história de Claireece ser diferente é que podemos acompanhar seu desenvolvimento à medida em que o enredo progride e a história se revela mostrando a evolução da escrita da personagem, que vai se aperfeiçoando conforme ela é alfabetizada. Sobre isso, a autora relata na entrevista ao jornalista que "Ver as pessoas aprendendo a usar a língua é como ver um bebê começando a caminhar, um cego de repente

⁷ Informações retiradas do site *Black Past*, artigo escrito por Michelle Dartis - RAMONA ["SAPPHIRE"] LOFTON (1950-) publicado em 15/4/2013. Disponível em: <https://www.blackpast.org/african-american-history/lofton-ramona-sapphire-1950/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

⁸ Em minha pesquisa para a realização deste trabalho sobre o romance de Sapphire não pude trazer nenhum trabalho acadêmico de relevância em língua portuguesa. Existem muitos artigos, estudos, teses, dissertação sobre o filme adaptado do romance.

enxergando". Sobre suas influências, a escritora revela que o livro não existiria se não fossem Alice Walker e Toni Morrison: "As situações que descrevo foram descritas em *A Cor Púrpura* [de Walker] e *O Olho Mais Azul* [de Morrison].", ambas autoras norte-americanas, nos lembrando das inferências que há na obra, principalmente sobre *A Cor Púrpura*, um livro que Precious⁹ lê pela sugestão da professora Blue e lhe desperta reflexões. Na data em que o jornalista publica a entrevista realizada com a escritora, o livro estava há 20 semanas na lista dos mais vendidos do New York Times. (VICTOR, 2010)

Com o título, "Sapphire, Escritora Americana" e embaixo o subtítulo "EUA tratam jovens negros de forma disfuncional"¹⁰, a matéria publicada pelo jornalista Guilherme Freitas, em 03 de outubro de 2015, traz informações sobre Sapphire, mais precisamente divulgando sua nova obra *O garoto*, já traduzida para o português. Na reportagem Freitas dá destaque ao sucesso do filme *Preciosa: uma história de esperança* e a descoberta do romance pelo público que deu origem ao filme. A crueza, a dureza da história narrada no filme, mas de onde se pode extrair a beleza da superação da personagem foram destaques na reportagem, além disso a retomada do estilo de Sapphire na obra *O garoto* foi outro ponto de destaque. Na entrevista ao jornalista, a escritora diz:

A história de Abdul foi um veículo para mostrar a forma disfuncional como os Estados Unidos tratam certos segmentos da sociedade, em particular jovens afro-americanos, que, ironicamente, acabam sendo classificados como disfuncionais. Escrevi "Preciosa" para mostrar como aqueles pobres negros podem ser preciosos se lhes for dada uma oportunidade para viver. Isso está presente em "O garoto" também. (SAPPHIRE, apud FREITAS, 2015)

Na fala de Sapphire fica evidente a preocupação com o mecanismo cíclico do abuso e da violência pelo qual o/a jovem afrodescendente americano(a) está sujeito(a). A participação da escritora em movimentos ativistas nos Estados Unidos em prol de políticas públicas centradas nos jovens pode ser uma forma de interromper o ciclo de violência e situações de mortes de jovens negros por policiais, oferecer a eles oportunidades de enfrentar os problemas e superá-los e assim encerrar o ciclo de violência a que são diariamente submetidos.

⁹ Na sequência desta dissertação, usarei Precious para me referir à personagem Claireece Precious Jones.

¹⁰ Ramona Lofton utilizou seu livro *The Kid* para demonstrar a forma como os EUA tratam os jovens afro-americanos, como ela se refere, de forma disfuncional.

1.2.2 *Preciosa: uma história de esperança*

A obra *Preciosa* originou um filme: *Precious: the longest journey begins with a single step*, traduzido para o português como *Preciosa: uma história de esperança* (2009), dirigido por Lee Daniels. Aclamado também no Festival de Sundance de 2009, o filme foi produzido por Oprah Winfrey¹¹. Recebeu três indicações ao Globo de Ouro e seis ao Critics Choice Award.¹² Pela notoriedade do filme, o sucesso que atingiu e o tema explorado, é de se imaginar que os estudos e pesquisas sobre ele são, indiscutivelmente, em maior número. Algumas dessas pesquisas sobre o filme, tem como foco a educação, a violência sexual e resiliência.¹³

Uma dessas pesquisas foi realizada pelas psicólogas Mendel e Pelisoli (2012) que discutem sobre resiliência, seus significados, as situações que a cercam, utilizando-se do filme “*Preciosa: uma história de esperança*” (2009) para refletir a respeito da escola enquanto potencializadora da resiliência. Embora o filme seja outra arte, interpretada de outra forma, utilizo esta reflexão como base pelas coincidências que existem com o enredo do livro. De acordo com as autoras, o conceito de resiliência abordado surgiu em 1807 e se referia a materiais que eram esticados, mas mesmo assim voltavam a sua forma original. Adaptando esse conceito para a vida e com base no que propõem as autoras, pode-se compreender resiliência como passar por problemas extremamente difíceis, mas, mesmo assim, continuar lutando pelo que se quer.

Mendel e Pelisoli (2012) apresentam a escola como um ambiente onde também se promove o bem estar social e individual, bem como a qualidade de vida, além de criadora de vínculos e construção de valores. Dessa forma, compreende-se que a escola necessita ser um lugar de resiliência e pode, segundo as pesquisadoras:

(1) enriquecer os vínculos; (2) determinar limites claros e fortes; (3) ensinar habilidades para a vida; (4) proporcionar afeto e apoio; (5) estabelecer e

¹¹ Oprah teve uma infância marcada pela pobreza e pela violência sexual advinda de seu tio e primos. Durante 25 anos ficou à frente do programa *The Oprah Winfrey Show*. Atualmente é produtora de filmes, como *Preciosa: uma história de esperança* e *Selma: uma luta pela igualdade*. Informações retiradas do site: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/oprah-winfrey-conheca-essa-surpreendente-historia-de-superacao/>. Acesso em 02 de setembro de 2019.

¹² Informações retiradas do site http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=5612>. Acesso em 13 de novembro de 2018.

¹³ Como o filme não é o meu principal objeto de pesquisa, tratarei deste assunto e das pesquisas que envolvem o tema de maneira breve.

transmitir expectativas elevadas; (6) proporcionar oportunidades de participação significativa. (MENDEL; PELISOLI, 2012, p.81).

As autoras afirmam que a autoestima é um dos fatores definidores para que crianças e adolescentes sejam resilientes, trazendo para a discussão a importância do professor promover o crescimento dela, inclusive apostando em relações interpessoais dentro do grupo. Mendel e Pelisoli apontam que em Buenos Aires existiu um trabalho chamado ZAP (Zonas de Ação Prioritária), o qual investiu na capacitação de professores que tinha como finalidade o sucesso dos alunos e o aumento de sua autoestima, dando bons resultados.

Depois de discutir com profundidade sobre a resiliência e sua relação com a escola, as pesquisadoras analisam o tema como foco central do filme. Levantam o conceito de processos-chave da resiliência, promovido por Walsh (1998), apontando que Precious¹⁴ tem algumas características deste processo, como a “questão do olhar positivo e da transcendência e espiritualidade [...] aparecem em outras cenas do filme, quando Preciosa acredita que existe algo além do que a vivência e as palavras podem explicar.” (MENDEL; PELISOLI, 2012, p.84). Após o processo de alfabetização, o nascimento do segundo filho, o rompimento com a mãe e a nova vida em um abrigo, as autoras compreendem que a vida da protagonista era feita de batalhas e que esta luta faz parte do processo de resiliência também.

Mendel e Pelisoli concluem que Precious tinha dentro de si fatores que corroboram para o processo de resiliência, porém só foram exteriorizados quando se sentiu confortável e segura emocionalmente. Sua família era a responsável pelas situações de risco e vulnerabilidade, o que fez com que a protagonista reagisse. A Educação Alternativa pode ser vista como protetora e que a auxiliou nesse processo de resiliência, ajudando a se desenvolver emocionalmente “resgatando sua autoestima, a crença em seu potencial e a possibilidade de escolha em sua vida. A escola pode representar um fator de proteção na vida de muitos jovens como Preciosa.” (MENDEL; PELISOLI, 2012, p.89). Nesse caso a escola responsável por esse processo foi a Educação Alternativa, e não a escola regular.

Mas o que resiliência tem a ver com o ambiente escolar? De acordo com Mendel e Pelisoli (2012) a escola é um ambiente também de promoção social e bem estar, sendo um local de ampla discussão e desenvolvimento a respeito da

¹⁴ Nos referimos a protagonista como Precious, mas as autoras Mendel e Pelisoli (2012) se referem a mesma personagem como Preciosa.

autoestima, fator este primordial para a resiliência. Se a resiliência é a superação dos traumas e a escola um ambiente como uma “segunda casa” para muitos alunos, é importante que ela também se preocupe com o lado individual, afetivo, pessoal do aluno, conseqüentemente seu bem estar. A autoestima por sua vez dará voz ao aluno para que desenvolva sua resiliência. Compreendo que este conceito está sempre em desenvolvimento, que ninguém nasce resiliente, mas que esta é uma qualidade que se adquire conforme se passa pelas adversidades da vida e às quais se consegue superar. No caso da protagonista, ser resiliente não é necessariamente perdoar os pais ou fingir que nada aconteceu, mas mesmo com tudo o que lhe ocorreu seguir em frente, ir em busca de seus sonhos e não deixar de progredir por conta dos fantasmas do passado.

Diógenes e Prado (2010) também utilizaram o filme *Preciosa* como objeto de análise, com foco no papel da escola na vida familiar, com base na visão Durkheimiana. Em uma disciplina, do curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Alagoas originou uma discussão a respeito do referido filme, e das reflexões originadas dessa discussão resultou um artigo apresentado no *IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*. Inicialmente o artigo trata de alguns conceitos, como o de escola, compreendendo-a como um “espaço de socialização do indivíduo, de modo que amplia as relações sociais em que esse está inserido relacionando-se com a comunidade.” (DIÓGENES; PRADO, 2010, p. 2).

Outro trabalho que analisa a adaptação fílmica de *Preciosa* é o de Baptista e Farina (2012). Em seu trabalho, esses pesquisadores analisam o filme com foco na estigmatização e nos lugares sociais. De acordo com os autores, a partir dos estigmas das nossas vidas é que ficamos cerceados, limitados, demarcando lugares e limites sociais. Para driblar estes limites, existem estratégias, utilizadas tanto para aceitação pessoal como para sobrevivência, por necessidade. De acordo com os autores, no dia a dia alguns estigmas e preconceitos podem passar despercebidos, porém, através do cinema é possível olhar para estas questões e refletir, daí a importância de se estudar também o cinema.

1.3 CLAIRE E CEECE PRECIOUS JONES E SEU CAMINHO REPLETO DE TACHINHAS

O romance *Preciosa* apresenta ao leitor uma história de desventuras e de superação de uma garota adolescente, moradora no Harlem, um bairro de Nova

York, entre as décadas de 70 a 90. As primeiras linhas do primeiro capítulo situam de imediato o período que abrange os acontecimentos na vida da adolescente: “Levei bomba quando tava com 12 anos por causa que tive um neném do meu pai. Foi em 1983.” (SAPPHIRE, 2014, p.11). O ano citado é o marco que contextualiza a história narrada para o leitor, embora não signifique que os acontecimentos estejam centrados somente nesse ano, como também não ocorre uma sequência linear dos fatos narrados.

Na escritura do romance, Sapphire traz ao leitor alguns pontos importantes para reflexão, a respeito da trajetória de vida da personagem Claireece Precious Jones desde a infância até a idade de 19 anos mais ou menos. Muitos desses acontecimentos tiveram grande importância na vida escolar da personagem, por esse motivo, trago algumas reflexões, neste subitem, por meio da análise da narrativa, de seus principais personagens para situar o leitor a respeito da natureza da relação entre Precious e sua família, dos preconceitos e negativas que sofreu, bem como sua mudança.

Sapphire dá vida à personagem Precious, narradora e protagonista da narrativa; sobre seu nome ela se posiciona como prefere ser chamada: “Todo mundo me chama de Precious. Eu tenho três nomes: Claireece Precious Jones. Só os escroto que eu odeio me chama de Claireece” (SAPPHIRE, 2014, p.15). Na primeira página do romance, a personagem se coloca como a quem vai narrar a história:

Meu nome é Claireece Precious Jones. Não sei por que tô contando isso. Acho que é porque não sei onde vou com essa história, nem sei se isso é uma história nem por que tô falando; nem se vou começar do começo ou daqui desse ponto ou daqui a duas semanas. Daqui a duas semanas? Claro, a gente podemos fazer o que quiser quando tá falando ou escrevendo, não é que nem viver, quando a gente só podemos fazer o que tá fazendo. (SAPPHIRE, 2014, p.12)

Nesse trecho evidencia-se que Precious reconhece o poder do narrador de começar sua história do ponto que melhor lhe convier, a escrita pode ser manipulada de acordo com o quê e com o como se quer relatar.

O foco narrativo em primeira pessoa dá oportunidade à personagem narrar a partir de si, de um ponto fixo, limitado à sua visão e às suas percepções, pensamentos e sentimentos, entretanto não se tem acesso aos pensamentos, sentimentos, percepções das demais personagens. (LEITE, 1993, p. 43). Ao narrar e ao mesmo tempo protagonizar os acontecimentos narrados podemos afirmar que a focalização assumida pela narradora é autodiegética e a tendência desse tipo de

narradora é encaminhar a leitura a uma perspectiva subjetiva, levando o leitor a conhecer somente um lado da história, o da narradora. Quando Precious muda de escola e narra seu primeiro contato com a turma, acompanhamos toda a angústia da personagem ao entrar na sala, mas não sabemos o que os novos colegas estão pensando dela:

Fico parada na porta. Engulo em seco, começo a andar, acho que vou chorar. Olho o cabelo comprido tipo dread da Sra. Professora, parece tipo legal mas tipo feio também. Meus joelho tão tremendo. Tô com medo de me mijar, apesar que eu não faço isso tem ano. Não sei como vou conseguir, mas vou. Olho as seis cadeira bem enfileiradas no fundo da sala. Preciso chegar lá.” (SAPPHIRE, 2014, p. 51).

Nos parágrafos seguintes, Precious vai detalhando sua entrada na sala e todos os sentimentos que lhe invadem frente a essa nova situação, porém em momento algum ela fala da reação dos novos colegas. Centra-se em si mesma levando-nos a partilhar seus sentimentos de angústia, medo, insegurança pelos quais vive nesse momento.

A construção da narrativa se dá *in media res*, conforme explica Massaud Moisés (2004, p.240) em seu Dicionário de Termos Literários: “no meio das coisas”, que ele considera como uma forma estereotipada do *flashback*, quando o enredo não segue a ordem cronológica dos acontecimentos. Essa forma de narrar é uma estratégia narrativa da epopeia e, segundo o autor, é um dos elementos caracterizadores desse gênero literário fundada na ideia que “a ordem artificial é a ordem do poeta, a ordem natural é do historiador”. Utilizar esta estratégia possibilita ao escritor escolher, para o início, o acontecimento mais importante da história, deixando para o meio os acontecimentos que o antecederam. É possível identificar esta estratégia quando Precious inicia o relato da história no presente da escrita:

Bom, é isso aí, é quinta-feira, 24 de setembro de 1987, e eu to andando pelo corredor. Tô com aparência legal, cherando bem – refrescante, limpa. Tá quente mas eu não tiro a jaqueta de couro mesmo com esse calor [...] (SAPPHIRE, 2014, p. 12).

A situação em que ela se encontra é colocada já na primeira página: “Fui suspensa da escola porque tô grávida e acho que isso não tá certo.” (SAPPHIRE, 2014, p. 11). O leitor vai conhecer os fatos que a levaram a suspensão algumas páginas depois, durante a conversa com a Senhora Lichenstein, cuja função parece ser de uma espécie de assistente social, ou pedagoga na escola, não fica muito claro qual seria exatamente o papel dela no ambiente escolar.

Nos quatro capítulos que compõe o romance, Precious leva-nos a conhecer sua história de vida relatada em fragmentos, sem uma ordem cronológica. Ela faz uso de *flashbacks* para contar sobre os acontecimentos de sala de aula, suas preferências, seu comportamento, muitas vezes inadequados, a relação nada amigável com os colegas e com a maioria dos professores, com o ambiente escolar que é a escola 146, situada entre a avenida Lenox e o bulevar Adam Clayton Powell Jr. Os flashbacks, segundo Moisés (2004, p.189), são as interrupções para relatar situações passadas e ocorrem quando a ordem cronológica é interrompida pelas lembranças do que a personagem vive no dia a dia na escola e em casa. Podemos verificar essa estratégia narrativa quando ela está caminhando no corredor em direção à aula de matemática do professor Wicher e começa a divagar sobre as suas aulas, resgatando de sua memória o primeiro dia de aula com esse professor. Após externar seus pensamentos ela finaliza: “mas era do primeiro dia que eu tava falando. Hoje não é o primeiro dia, e como eu falei eu estava indo pra aula de matemática quando a Sra. Lichenstein me puxou do corredor pra sala dela” (SAPPHIRE, 2014, p.14) e retoma o relato de sua conversa com a assistente social da escola. Pelo *flashback* conhecemos as situações de violência, física, psíquica e moral, pelas quais passou, seus sonhos de adolescente. Quando lembra do preconceito que sofreu na escola e um dos dois garotos diz que ela é feia de rir, mas o outro o corrige “- Não, essa puta gorda é feia de chorar.” (SAPPHIRE, 2014, p. 21); ou quando se recorda da primeira vez em que viu sua filha, Monguinha: “A cara da neném é achatada que nem uma panqueca, os olho puxado que nem dos coreano, a língua entrando e saindo que nem uma cobra.” (SAPPHIRE, 2014, p. 27). Durante toda a narrativa revela os acontecimentos pouco a pouco, conta detalhes minunciosamente e com calma, sem apressar a história para o leitor.

Em alguns momentos da narrativa verifica-se que a narradora dá a conhecer seus pensamentos e reflexões mais profundos, por meio do fluxo de consciência, que Moisés (2004) toma como equivalente a um monólogo interior ou ainda como Leite (1993) se refere como um aprofundamento da apresentação dos sentimentos e pensamentos. Conferimos o fluxo da consciência quando Precious se emociona ao ser tratada de forma carinhosa pela enfermeira Manteiga: “Tô chorando por causa da neném feia, depois esqueço a neném feia, tô chorando por mim que ninguém nunca me abraçou antes.” (SAPPHIRE, 2014, p. 28). Outro momento em que o fluxo da consciência está presente quando a narradora começa a divagar em seus

pensamentos ao se dirigir à aula de matemática percebendo-se uma certa afeição que adquiriu pelo professor Wicher: “Eu sou os polícias do Sr. Wicher. Mantenho a lei e a ordem. Eu gosto dele, finjo que ele é meu marido e que a gente mora junto em Weschesser, sei lá onde é isso.” (SAPPHIRE, 2014, p.14).

Todos os eventos relatados ocorrem em, basicamente, três locais próximos um do outro, todos no bairro Harlem: a casa onde moram Precious, a mãe Mary, o pai Carl (até o nascimento da primeira filha dela) que fica na Rua Lenox; a escola 146, próxima à casa da narradora, onde ficou a maior parte de sua vida; e a Educação Alternativa e o Projeto Cada Um Ensina a Um, além de outros locais nas cercanias do bairro. Precious descreve o local como bairro de periferia onde as pessoas precisam se locomover ao centro utilizando ônibus: “Homens, mulheres e crianças tão num ponto de ônibus para ir pra escola ou trabalhar no centro. Onde será que eles trabalha?” (SAPPHIRE, 2014, p. 34). Menciona também a existência de dependentes químicos, que circulam nas ruas próximas à sua casa, cujas presenças são percebidas quando apertam a campainha “Ninguém toca nossa campainha, a não ser os viciado em crack, tentando entrar no prédio.” (SAPPHIRE, 2014, p. 23). Ela descreve também algumas ruas da região, como a Lenox, onde há um McDonald’s, conferindo à narrativa um critério de verossimilhança¹⁵ a sua história, inserindo informações exteriores e que fortalecem a identificação do leitor com a obra.

O enredo apresenta quatro personagens: Precious, sua mãe Mary, seu pai Carl e sua professora Blue. Para entender melhor as relações que a narradora tem com cada um desses personagens, no decorrer do seu processo de superação, passamos a um detalhamento do perfil de cada um deles.

Como já afirmamos anteriormente, Claireece Precious Jones é a narradora e protagonista, proporcionando uma visão unilateral dos fatos, centrando o enredo nos aspectos que considera importantes para o desenrolar de sua trajetória, entre os 16 e 18 anos, aproximadamente. Descreve-se como gorda, negra, analfabeta, mãe de dois filhos e portadora do vírus HIV, teve dois filhos do próprio pai e por ele também infectada pelo vírus. Denuncia os abusos sexuais, psicológicos e físicos advindos dos pais, as negativas que recebeu da escola regular e os últimos anos sendo zombada por seus colegas de classe por conta do seu peso, sua timidez e

¹⁵ De acordo com a *Arte Poética* de Aristóteles.

introspecção. Para esconder suas limitações de aprendizagem, assumia postura contestatória, provocando brigas e no enfrentamento com professores, professoras, principalmente na escola 146. Após ser inserida no Projeto Cada Um Ajuda a Um foi alfabetizada, fez amigos, passou a socializar mais, ter atitude e coragem para concretizar seus objetivos.

Além do ambiente escolar, com Mary é que Precious mais convive numa difícil relação de dependência. Na visão da adolescente, Mary é construída como uma personagem agressiva, rude e desonesta, protagonizando cenas de espancamento, violência física e verbal, explorando sua filha sexualmente e nos serviços. Engana a previdência social para obter auxílio financeiro através da neta que não mora com ela. Acusa Precious de ter roubado seu marido e, inclusive, reproduz esse discurso a outras pessoas. Por fim acaba sozinha em sua casa. Mary, como Precious, é mulher, negra, gorda e de alguma maneira sofreu abusos tanto quanto a filha. Na posição de poder, quando o marido sai de casa, ela assume o comando e continua com o ciclo de violência em relação à filha, pois o abusado pode tornar-se abusador na idade adulta.

O pai Carl é a presença que significa violência na vida de Precious, não de espancamento, surras, mas oriunda de abuso sexual. Continuamente ele visitava o quarto de Precious para violentá-la. Até o nascimento do primeiro bebê, filho dele com Precious, ele viveu na mesma casa que as duas, abandonando-as em seguida, mas aparecia frequentemente para cometer os abusos contra a filha. A jovem chega a afirmar que a mãe a entregou a ele como uma espécie de acordo em que Carl continuaria sua relação com Mary. Descrito pela narradora como um estuprador, pedófilo, pai dos seus dois filhos, manipulador que usa Mary a seu favor e a chantageia para que tivesse acesso a filha e cometer os abusos. Falece próximo ao final do livro em decorrência de HIV.

Blue é a professora de Precious na Educação Alternativa, faz parte do Projeto Cada Um Ensina a Um e é quem inspira a garota a mudar sua vida. É descrita como uma mulher bonita, elegante e inteligente. Enquanto profissional também é exigente, empática e dedicada às suas aulas. Pessoalmente ajuda Precious em suas dificuldades familiares, de moradia e a incentiva a continuar os estudos.

Na maior parte do enredo Precious aparece como uma personagem oprimida, seja pela mãe diante das humilhações, como quando Mary fica brava ao

perceber que a filha está concentrada em seus pensamentos em vez de prestar atenção nela: “- Tá pensando enquanto eu falo com você? Ela fala isso que nem se eu tivesse queimando notas de 100.” (SAPPHIRE, 2014, p. 23); seja pela sociedade ao ser motivo de piadas gordofóbicas sempre, ou ainda quando está apressada na rua e ouve um desconhecido gritar “- Corre Baleia!” (SAPPHIRE, 2014, p.49). De acordo com bell hooks: “Ser oprimida significa ausência de opções. O principal ponto de contato entre o oprimido(a) e o opressor(a).” (2015, p. 197). A relação de dependência que se constrói no romance de Sapphire entre as duas personagens é por falta de opção, Mary precisa de Precious para receber o dinheiro da previdência e a filha, por sua vez, não tem para onde ir se a mãe fica com o dinheiro em seu poder: “Peço dinheiro pra minha mãe pra fazer o cabelo, comprar roupa. Sei que ela ganha dinheiro por causa de mim [...]” (2014, p. 43). Levando em consideração que, até ser alfabetizada e receber ajuda da professora Blue, Precious não teve opção, ela se encaixa à afirmação de hooks, de que a sua dependência financeira, de moradia, alimentação, era o elo que a ligava a seus pais.

Além da total dependência que tinha da mãe, também mantinha com ela uma relação difícil. Não havia um vínculo afetivo entre as duas e, trazendo brevemente a respeito disso, Abuchaim *et al* afirma que:

O vínculo humano está ligado às influências recíprocas entre as pessoas, originando diferentes aspectos interacionais baseados no conhecimento, reconhecimento, ódio e amor, imprimindo, dessa forma, um significado ao relacionamento dos seres humanos. Desse modo, no processo de proteção e promoção do crescimento e desenvolvimento infantil, é imprescindível reconhecer a importância da segurança emocional da criança e dos pais, resultante de vínculos bem estabelecidos. (ABUCHAIM *et al*, 2016, p.6).

Ou seja, um vínculo não significa uma relação somente de amor, mas também de ódio, conforme o autor afirma, porém, também não pode ser constituído apenas por este último. Os vínculos bem estabelecidos na infância não tratam somente de suprir necessidades alimentícias, mas também de estabelecer segurança emocional. Conforme observamos pelo relato de Precious, a jovem dependia da mãe para se alimentar, vestir, ter onde morar, apenas por isso. Percebe-se que não há vínculo afetivo entre as duas, como em: “O que é preciso pra minha mãe me ver?” (SAPPHIRE, 2014, p. 43) Precious desabafa sobre a relação que tem com a mãe, a jovem é vista como alguém que “roubou” o marido da mãe e não como a filha que foi abusada, mas não podemos esquecer que conhecemos a história e suas percepções sobre sua relação com a mãe a partir do que a narradora

nos conta, lembrando que a mãe não exterioriza sentimentos positivos à sua filha. Esta situação também contribui para a exclusão e exploração que sofreu ao longo da vida, iniciando em casa quando era vista como uma escrava, inclusive sexual, à disposição de seus pais para os serviços domésticos e sexuais. O contexto desse relacionamento com a família também influenciou diretamente nos seus resultados educacionais, pois não tinha apoio financeiro e moral, bem como acompanhamento escolar por parte da família, principalmente pela falta deste vínculo, da preocupação e da atenção que deveriam ter sido dadas à jovem.

Há uma discussão de que o exemplo dos pais pode influenciar na formação do caráter da criança. Por exemplo, um pai delinquente pode influenciar o filho a seguir pelo mesmo caminho, mas principalmente por não suprir as necessidades emocionais e afetivas do que necessariamente pelo exemplo. Há casos de filhos de pais delinquentes que tiveram esse suporte emocional e não entraram para o crime, dessa forma “[...] talvez seja menos importante quem os pais são, mas o que eles efetivamente fazem em prol do desenvolvimento de seus filhos, e como se vinculam afetivamente a eles.” (ABUCHAIM *et al*, 2016, p. 7). Tão importante quanto prover o alimento, a educação, segurança e higiene da criança, é satisfazer sua necessidade emocional.

Sobre os sentimentos que sente pela mãe, Precious afirma que: “às vezes odeio minha mãe. Às vezes acho que ela é feia.” (SAPPHIRE, 2014, p.24). Apenas demonstra sentimentos negativos, de rejeição. “Preciso falar que às vezes eu odeio a minha mãe. Ela não gosta de mim. Fico pensando como é que ela ia poder gostar da Monguinha (a minha filha).” (SAPPHIRE, 2014, p. 45). Talvez não apenas pelo trabalho que a criança daria, mas também por conviver com a neta, cujo pai é seu marido, é que Mary deve ter afastado Monga dela e da mãe. A narradora confidencia que a mãe a “matou faz muito tempo [...]” (SAPPHIRE, 2014, p. 78), pois é dessa forma que ela se sente, morta para a mãe, sem importância.

A jovem viveu em uma relação que Saffioti (2001, p. 117) chama de “dominação-exploração”, as duas em um único processo, quando, em casos de abuso sexual, o agressor o faz simplesmente em busca de prazer, não necessariamente por bens, mas sim para satisfazer um desejo seu de poder, de pertencimento. Carl abusava da filha desde a sua infância em busca de prazer e, possivelmente, de poder, não aceitando negativas ou fugas, penalizando a filha quando rejeitava a relação.

Saffioti (1989) usa o termo “Síndrome do pequeno poder” para discutir a relação destrutiva entre pais e filhos. Neste contexto, o comportamento destrutivo de pais contra os filhos seria baseado no argumento da hierarquia obtendo, inclusive da sociedade, certa aprovação. Dessa forma, outros personagens da obra, como a vizinha que socorreu Precious em um dos espancamentos e na hora do parto, bem como a avó dela que cuidava da Monguinha, sabiam o que acontecia naquela relação familiar, mas foram coniventes a partir do momento em que não denunciaram a situação às autoridades, consequentemente aprovando a situação.

Após o nascimento de Monguinha, Precious descobre que a filha tem Síndrome de Down. A enfermeira que atendia a adolescente, chamada de Manteiga pela narradora, tenta acarinhá-la para confortar, mas a reação da nova mãe é de confusão: “Sinto uma bondade quente vindo dela, que nunca senti com a mamãe, e começo a chorar.” (SAPPHIRE, 2014, p. 28). Neste momento a protagonista afirma mais uma vez que a relação entre ela e a mãe não é afetiva, nem bondosa, nunca havia sentido a bondade e um abraço carinhoso de Mary, assim como suas atitudes também não demonstravam carinho ou bondade. Pode-se compreender a natureza desta relação que não é nada maternal.

A reviravolta que dá a Precious o poder de mudar sua vida é a possibilidade de aprender. Até os 16 anos não sabia ler nem escrever, em determinada situação na escola precisou abrir seu livro de matemática na página 122, porém, como não sabia sobre os números, envergonhada ela iniciou uma briga com o professor para desviar sua atenção. (SAPPHIRE, 2014, p.12-13). Esta personagem carregava consigo também orgulho, pois se por um lado não sabia ler nem escrever e os professores devem ter notado, por outro ela se envergonhava de admitir e por isso criava situações para deixar de ser o foco neste sentido, na participação em atividades em que não sabia como agir, deixando que a vissem como rude, desrespeitosa, mas não como alguém que não sabia algo.

Precious engravidou duas vezes de seu pai, nasceram Monguinha e Abdul. A primeira morava com a bisavó e Abdul com Precious. De acordo com Billings (2008, p.18), “Crianças afro-americanas têm cinco vezes mais probabilidades de se tornarem dependentes da previdência social e engravidarem na adolescência do que as crianças brancas.” Isto porque, de acordo com as estatísticas, a taxa de evasão escolar em Nova York e na Califórnia é de 35%. No interior chega até a 50%. Apenas 17% dos alunos das escolas públicas são negros, embora representem 41%

da população. Isso em decorrência das severas realidades econômicas e sociais, a pobreza é bastante presente nas famílias negras, assim como a taxa de mortalidade infantil. Vejo semelhança com a personagem analisada, pois Precious engravidou na adolescência (aos 12 e 16 anos), além de ter o auxílio da previdência por conta de sua primeira filha. Óbvio que os motivos para tais consequências podem variar, porém, podemos imaginar que a vulnerabilidade dessas crianças é maior do que as demais. No caso de Precious a pobreza da família é observada pela necessidade do auxílio da previdência social e pela importância que a mãe da jovem dá a esse benefício “Vai procurar a previdência social, a escola não pode ajudar você em nada, agora.” (SAPPHIRE, 2014, p. 33).

A suspensão anunciada por Precious no início do romance fica esclarecida após conversa que a Senhora Lichenstein tem com a narradora. Ao não conseguir ter uma conversa proveitosa na escola com a jovem, a Sr. L¹⁶ vai até sua casa para conversar com ela e com a mãe e oferecer uma nova oportunidade de aprendizagem. Mesmo não sendo recebida, Lichenstein explicou via interfone, uma escola mais adequada para as dificuldades que Precious apresentava, deu-lhe o endereço e o nome da escola. A rápida conversa surtiu algum efeito nos pensamentos da jovem, pois ela procura a escola e inicia no Projeto Cada Um Ajuda a Um (SAPPHIRE, 2014, p. 26). Trata-se de uma turma apenas de meninas que têm dificuldades de aprendizagem e/ou abandonaram a escola por algum motivo pessoal. O método da professora é colaborativo, portanto o nome justifica a proposta. As alunas se ajudam, fazem rodas de conversa, se ouvem, compartilham sentimentos e pensamentos, enquanto a professora media e também participa.

Diante do que foi exposto até aqui, pode-se perceber que Precious é uma jovem que não teve um bom relacionamento com os pais e que muitos dos problemas que surgiram ao longo dos anos foram em decorrência da relação abusiva e conflituosa que viveram. Esta personagem teve dificuldades de aprendizagem durante todos os anos escolares e, inclusive, de socialização, pois não tinha amigos e ninguém de confiança. Apesar de todos os obstáculos, de todas as tachinhas colocadas em cada degrau de sua escada, Precious busca sua redenção, sua superação, entregando-se aos estudos e faz disso sua meta de vida.

¹⁶ Não fica claro no romance qual é o papel da Senhora Lichenstein na escola, se é diretora ou assistente social.

Dessa forma, o objetivo deste capítulo foi demonstrar que Precious teve uma relação interessante com os estudos, por um lado ruim na escola, mas por outro, bem satisfatório no Projeto da Educação Alternativa. A partir da análise focada neste paradoxo, os próximos capítulos são destinados à análise e reflexão de Precious e a sua relação com a Educação.

CAPÍTULO 2 SEM COBERTURA

No poema que dá entrada ao primeiro capítulo desta dissertação, Precious escreve que em seu caminho havia tachinhas, farpas, tábuas quebradas, lugares sem tapete no chão, sem cobertura. (SAPPHIRE, 2014, p. 129). As imagens de objetos pontiagudos, ferinos, ásperos, cortantes que deixam marcas e cicatrizes construídas pela personagem no poema têm a função de informar para seu filho, Abdul, como a vida dela foi difícil, com muitos obstáculos, violências físicas, emocionais, afetivas de toda a ordem. Neste capítulo trataremos da relação entre Precious e a escola na qual ela passou a maior parte de sua vida, mais ou menos nove anos, e que não foi capaz de aprendê-la¹⁷, pois não lhe ofereceu cobertura para acolhê-la, ensinar e ver o potencial que a jovem possuía.

2.1 A ESCOLA 146

O relato da narradora Precious traz episódios de sua vivência na escola regular até os 16 anos de idade, quando foi lhe apresentada a Educação Alternativa. Os episódios narrados pela narradora ocorrem de forma desordenada, não há uma linearidade, como já foi visto no primeiro capítulo. A narração foca a transição da escola regular para a educação alternativa, mas em meio a essa transição, ocorrem interrupções, utilizando-se de *flashbacks*, para ela trazer ao conhecimento do leitor os episódios marcantes que lhe aconteceram ao longo de sua vida e do fluxo da consciência que objetiva trazer à tona os pensamentos mais profundos, obscuros da personagem, assim como os desejos, seus sonhos e todos os sentimentos que lhe invadem em algumas situações.

Quando a Sra Lichensteins foi a sua casa e falou-lhe da Educação Alternativa despertando sua atenção e curiosidade sobre a nova escola, Precious vai dormir ansiosa com essa novidade, sonhando com elevadores e um homem “das terras que falam espanhol”. O homem do sonho é o gatilho para ela lembrar do nascimento da primeira filha, quando começa a narrar por meio do *flashback* todo o episódio do parto e dos primeiros dias após o nascimento e a descoberta do problema de saúde causado pela falta de oxigênio no cérebro, minimizada pela

¹⁷ “a escola nunca me aprendeu.” (SAPPHIRE, 2014, p. 76).

enfermeira, e a síndrome de Down: “Acordo lembrando a última vez que eu forcei. Foi dois dias antes que eles trouxe o neném pra mim e fiquei sabendo o que queria dizer ‘um probleminha respiratório’.” (SAPPHIRE, 2014, p. 27).

Neste item faço algumas considerações sobre como se apresenta a escola e quais as dificuldades que a protagonista narra nesse ambiente que quase sempre foi hostil a ela.

O primeiro ambiente escolar de Precious foi a escola de educação formal, que, segundo Gohn (2006), é a modalidade educacional desenvolvida nas escolas e onde seus conteúdos são previamente demarcados. Na visão de Gandin (1995) este tipo de experiência escolar é imprescindível, pois tem três funções: 1) formação da pessoa; 2) desenvolvimento da ciência; 3) domínio da técnica.

Cascais e Terán (2014) apontam que a escola de educação formal é organizada, metódica, segue regras e um currículo, dividindo-se em disciplinas, idade e níveis. Nas escolas há organização desde os horários de entrada e saída, bem como filas para diversas atividades (entrada, saída, cantina, atividades esportivas, etc) e esse sistema é necessário para manter o controle sobre os alunos. Não significa que na educação não formal, por exemplo, isso não exista, mas que ela pode flexibilizar um pouco mais dependendo do contexto do aluno. Entende-se, pelas características apontadas pelos autores, que a escola frequentada por Precious fazia parte do que se pode chamar escola de educação formal.

A escola que Precious frequentava era a 146, localizada na “rua 134 entre a avenida Lenox e o bulevar Adam Clayton Powell Jr.” (SAPPHIRE, 2014, p. 12) e era próxima da residência onde morava com a mãe. No momento da narração, quando ela se situa onde se encontra (na escola) está um dia quente, de 32 graus, típico de verão e que não há nenhum ar-condicionado, qualificando o prédio da 146 como “escroto”. Na sala de aula, sentava-se na última carteira da última fila. Por essa descrição é possível perceber que a jovem faz críticas sobre a escola e a falta de estrutura necessária para um verão tão quente como aquele, embora em outro momento ela diga que gostava da escola e dá a entender que a escola não gostava dela. É possível perceber sua desconsideração com a escola porque ela não teceu nenhum elogio ou comentário que demonstrasse como ambiente interessante ou mesmo confortável e seguro.

A trajetória escolar da jovem não é narrada de acordo com uma ordem cronológica, mas para fins de organização da análise de como foi a trajetória de

Precious na escola trago aqui de forma linear os episódios envolvendo o seu cotidiano de acordo com a cronologia dos acontecimentos. Um desses momentos ela relata o seguinte:

Eu me vejo na primeira série, vestido rosa com o negócio sujo de esperma em cima. Ninguém penteia meu cabelo. Segunda série, terceira série, quarta série tudo parece que nem uma noite escura. Gente falando coisas que não faz sentido, bolas quicando, preencher a linha pontilhada. Forma? Cor? Quem se importa que merda roxa é um quadrado ou círculo, se é roxo ou azul? Que diferença faz se casinha de pão de ló tá na parte de cima ou de baixo da folha? Eu sumo do dia e largo tudo: livro, boneca corda de pular minha cabeça, eu. (SAPPHIRE, 2014, p. 28-29).

Ainda muito nova a menina já sofria abusos sexuais pelo pai, sem que ninguém tomasse alguma atitude a respeito, além disso, ninguém se preocupava com a sua higiene, nem na família e nem na escola que parecia manter um distanciamento entre os fatos escolares e as necessidades, precariedades dos alunos. Se não havia quem se incomodasse com o que se passava com ela, de que lhe serviria aprender coisas que não lhe fazem o menor sentido, pois não servem para que possa se defender das agruras da vida? Esta negligência por parte da família deveria ter despertado desconfiança na equipe escolar e, conseqüentemente, atitudes com a finalidade de cobrar explicações e o mínimo de zelo com a garotinha, porém, embora parecesse óbvio o abandono familiar, a escola não tomou frente e foi negligente.

A escola que Precious estudava não tem qualquer semelhança com a escola que bell hooks (2013) descreve em seu livro *Ensinando a transgredir*. Para essa autora, a escola em que ela estudava ensinava a transgressão no sentido de “resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista” (p. 10) e “as professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência” (p. 11). Diferentemente das professoras que passaram por Precious sem qualquer envolvimento pessoal, as professoras que hooks apresenta tinham uma missão, da qual incluía fazer de tudo para conhecer seus alunos: os pais, a condição econômica, a igreja que frequentavam, como era a casa de cada um deles e como os pais os tratavam. (hooks, 2013). Chama a atenção no texto de hooks o comprometimento das professoras com seus alunos em conhecê-los profundamente. Mas esta não é a escola de Precious, nem suas professoras eram missionárias, pelo que se percebe eram repassadoras de conteúdo sem se preocuparem com o bem/mal estar de seus alunos. Os professores deveriam, segundo ordens do diretor, se concentrar nos alunos que podiam aprender:

No começo a professora bancou a boazinha, depois berrava, depois chamava o diretor. O diretor ligou pra mamãe e não lembro mais pra quem. Até que o diretor disse: Fique satisfeita porque esse é o único problema que ela causa a você. O diretor disse à professora: Concentre-se nos que *podem* aprender. O que isso queria dizer? Ela é um dos que não pode? (SAPPHIRE, 2014. p.49 – destaque da autora).

Percebe-se no relato de Precious uma hierarquia na escola para se tentar resolver um problema que é a provável apatia da aluna: não levanta da carteira em nenhum momento, não se mexia do lugar desde o início da aula até o término. Sem sequer conversar com a aluna, sem procurar saber qual o motivo do comportamento dela, a professora repassa o problema para o diretor que por sua vez vai atrás da família para que esta resolva e por fim a orientação recebida é deixar de lado, preocupar-se com os alunos que ainda têm chance de aprender. Práticas pedagógicas que estão muito longe de uma pedagogia engajada.

Como se estivesse em uma noite escura, Precious estava perdida, não sabia o que esperar, sentia medo, pois é comum que uma criança veja no escuro diversas possibilidades monstruosas e confusas. As aulas de educação física, as brincadeiras com bolas, os exercícios para incentivar a coordenação motora, nada disso fazia sentido a ela, pois quando voltava para a casa não era a realidade de uma criança que a esperava, assim como as formas e cores não eram importantes, pois eles não faziam diferença em sua vida, não mudavam o que se passava dentro de casa e nem paravam as agressões sexuais e físicas que sofria. Para fugir de todas essas situações que não lhe parecem ter sentido ela sumia com os brinquedos, pois já era tratada como uma mulher por seus pais. Sumia com os livros, pois tanto sua família quanto a escola não enxergavam nela uma aluna em potencial e lhe negaram a oportunidade de realmente aprender. Por fim ela sumia com ela mesma e passou a vegetar, aguardando a próxima surra ou abuso, pois é assim que a obrigavam a viver. A educação na escola 146 funcionava para a personagem como apagamento de sua personalidade, de sua identidade tornando-a invisível.

2.2 EDUCAÇÃO DESENGAJADA

A educação, para bell hooks (2013), deve ser entendida como prática da liberdade e os alunos devem ser “participantes ativos e não consumidores passivos.” (p. 26). Vista por esse ângulo, a educação exige maior participação do aluno na construção da sua aprendizagem, porém há professores que hostilizam essa

pedagogia. Alunos participantes podem ser sinônimos de alunos indisciplinados e difíceis de controlar. Devem se manter sentados cumprindo com as atividades obrigatoriamente propostas.

Compreende-se que a ineficácia da escola 146 pode ser observada a partir do discurso de Precious sobre como eram as atividades de escrita: “Igual a antes que eu tirava dez em gramática e nunca flava nada. Ficava sentada na cadeira. [...] durante 55 minutos [...]” (SAPPHIRE, 2014, p. 61). A narradora relata que não participava das aulas, não escrevia e nem se comunicava com colegas e professores, mas mesmo assim obtinha nota integral na disciplina. hooks (2013) aponta que a pedagogia engajada dá ênfase ao bem estar e os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização para promover seu próprio bem estar e, assim, poderão ensinar “de modo a fortalecer e capacitar os alunos”. Não há indícios de que a escola e, principalmente, os professores de Precious tinham como compromisso a capacitação e o fortalecimento dos seus alunos. Ao avaliarem com nota integral o conhecimento que ela não adquiriu, negavam-lhe o aprendizado, o conhecimento, a formação e a possibilidade de construir-se como cidadã crítica e responsável. De acordo com Billings (2008), a alfabetização é importante para os afro-americanos porque, ao recordar-se da escravidão, também lembram-se das limitações educacionais, fazendo com que a educação seja uma forma de libertação, de conquistar algo que lhes foi tirado. Nesse sentido a professora de gramática e os demais professores poderiam ter contribuído para construção desse significado.

Precious apresenta poucos detalhes sobre sua relação com os professores da escola. Billings (2008) traz a expressão “professor culturalmente relevante”, o qual não só respeita a cultura dos seus alunos, mas também a estuda, reforça, dá espaço para que usem a criatividade, bem como desenvolvam suas habilidades, dentre outras especificidades. Segundo a autora, um professor com esta denominação mantém com seus alunos uma relação flexível, humanamente justa e que vai além da sala de aula, muitas vezes até para dentro da comunidade dos alunos. Os poucos relatos que a narradora faz envolvendo professores da escola 146, nenhum aborda uma relação mais humana no trato com os alunos, principalmente com ela. Na citação do tópico anterior fica claro que em nenhum momento a professora está preocupada com a aluna e sim pelo fato de ela não se mexer na carteira e não realizar nenhuma atividade. Esse comportamento da

professora está muito longe de uma “professora culturalmente relevante”, conforme Billings. Denuncia um comportamento que não leva em consideração estar tratando com um ser humano e, muito mais do que isso, em formação.

hooks (2013) afirma que o trabalho do professor não é o de partilhar informação simplesmente, mas de participar do crescimento intelectual e espiritual de seus alunos. O professor deve ensinar de forma a respeitar e proteger a alma de seus alunos, e assim criar condições para que a aprendizagem possa ocorrer de modo mais profundo e mais íntimo (hooks, 2013, p. 25). Não se pode dizer dos professores da escola 146 que não tinham uma vocação e muito menos que não acreditavam nela como um aspecto sagrado. Ocorreram fatos lamentáveis e negligentes durante a permanência de Precious na instituição, porém, não se deve encarar a profissão professor como algo sagrado quando na verdade se trata de uma carreira.

Embora a jovem aponte um distanciamento entre ela e os professores, ela apresenta o que se poderia chamar de um elo com o Sr. Wicher, o professor de matemática, “um branco nanico e magricela, deve ter tipo 1,60m.” (SAPPHIRE, 2014, p. 13). Precious não se incomodava com a disciplina, ela gostava de matemática de um jeito meio inexplicável. Percebe-se que esse interesse estava ligado ao interesse pelo professor que lecionava a matéria: “eu até gosto de matemática, mesmo não fazendo nada, nem abro meu livro, só fico lá sentada durante 50 minutos.” (SAPPHIRE, 2014, p.14). No primeiro dia de aula tiveram um desentendimento, pois não sabendo qual página era a 122, por ainda não reconhecer números, a jovem iniciou uma discussão com o professor para tirar o foco do real motivo de não ter aberto o livro. Apesar disso, a jovem confessou que “Eu não queria prejudicar ele nem deixar ele sem graça daquele jeito, sabe.” (SAPPHIRE, 2014, p. 13). A intenção da jovem não era se rebelar, apenas disfarçar o seu desconhecimento sobre os números.

Em outros momentos ela atuava como uma protetora do professor, ordenando aos gritos para que os colegas prestassem atenção na aula. Ela se via como “os polícias do Sr. Wicher. Mantenho a lei e a ordem.” (SAPPHIRE, 2014, p. 14). Além disso, ela fantasiava uma vida conjugal com o professor, imaginando que eram casados e que moravam em uma cidade chamada Weschesser. Precious acreditava que o professor também gostava dela pela forma como ele a olhava, possivelmente como retribuição à preocupação que ela tinha nas tentativas de fazer a turma prestar

atenção na aula. Quando a Sra. Lichenstein foi até a casa da jovem ela afirmou que, segundo o professor Wischer, Precious era uma das melhores alunas dele e que tinha aptidão para matemática. Esta observação foi crucial para que Precious aceitasse a sugestão da Sra. Licheinstein e procurasse a Educação Alternativa, pois sentiu-se confiante diante dos elogios tecidos sobre ela.

Além do Sr. Wicher, a Sra. Sondra Licheinsten é quem tem maior contato com Precious. Não fica claro para o leitor qual seria a função dela na escola, pelos episódios narrados, nos quais ela está envolvida, pode-se deduzir que é uma espécie de pedagoga, assistente social, pois parece, inicialmente, que ela é a pessoa que procura manter a ordem, disciplina na escola. Sua primeira aparição no romance se dá quando ela “convidou” Precious para conversar em sua sala: “estava indo pra aula de matemática quando a Sra. Lichenstein me puxou do corredor pra sala dela.” (SAPPHIRE, 2014, p. 14). Após uma digressão sobre as aulas de matemática, a narradora esclarece o motivo de ter sido chamada para conversar: Lichenstein quer esclarecimentos e confirmação da gravidez de Precious e, por mais que ela tente manter um diálogo calmo, sem confronto, a jovem mantém-se em silêncio, não coopera, não admite, mas também não nega sua situação. Ao perceber que nada surte qualquer efeito em Precious a não ser a atitude de confronto, Lichenstein notifica-a que foi suspensa das aulas. Sem entender e muito menos aceitar o motivo da suspensão, a garota coloca-se na defensiva e, em seguida, torna-se agressiva a ponto de avançar sobre a Sra. Lichenstein.

A atitude de Sondra, primeiramente, faz crer que seu papel naquele momento é de punir e disciplinar os alunos da escola, pois não se percebe uma fala mais humanizadora, de compreensão com a aluna e, sim, de tirar dela uma confirmação da gravidez. Gelbcke (2013) aponta que a escola tem um papel fundamental na construção das identidades e deve considerar as diversidades. Deveria, portanto, ter um caráter humanizador, contribuindo assim para o desenvolvimento social e identitário dos seus alunos. A atitude da Sra. Lichenstein denuncia a forma de tratamento desumanizadora que a escola assume na prática. Não se vê, em qualquer momento da entrevista com a aluna, qualquer indício de que ela estivesse preocupada com o fato, a situação, da garota. A real intenção dela se define quando ela vai até à casa de Precious e sugere que ela participe de um projeto da Educação Alternativa. Deduz-se por essa atitude que ela pode ter se arrependido de ter terminado a discussão daquela forma, uma vez que foi além do

que a função escolar exige de qualquer profissional que nela trabalhe ao se deslocar até a casa da menina para tentar aconselhá-la e indicar uma escola mais condizente com a situação em que se encontrava e o fato de ter dificuldade em aprender os conteúdos, inclusive os da escrita. Para Gelbcke (2013) a situação da protagonista demonstra que a escola regular não se preocupa com os aspectos fundamentais da formação do indivíduo, “pois é de se esperar que um/a estudante matriculado(a) no colegial saiba ao menos ler e escrever, habilidades não dominadas por Preciosa.” (GELBCKE, 2013, p. 55). De fato, delineia-se nessa atitude da Sra. Lichenstein um esboço de humanização que a escola deveria assumir com seus alunos.

Pela abordagem que faz indo até a casa de Precious numa tentativa de encaminhá-la a uma escola que poderia possibilitar a alfabetização dela, pode-se deduzir que a Sra. Lichenstein seria uma espécie de pedagoga, orientadora, visto que na escola ela permanece numa sala na qual conversa com Precious e com alunos que apresentam problemas. Além disso, diante da atitude de ir até Precious, sugerir a mudança, enviar seus documentos à Educação Alternativa para iniciar seus estudos e obter melhor aproveitamento, evidenciam que sua função era pedagógica, mas também um tanto quanto gestora. Poderia arriscar em afirmar que foi o ato mais humano que a escola 146 na pessoa da Sra Lichenstein teve com a protagonista, de acordo com os ensinamentos de hooks.

As relações entre professor e aluno que se constituem na narrativa de Sapphire estão próximas ao que Paulo Freire discute ao analisar as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela). Para esse autor na medida em que se aprofunda nessa análise mais podemos nos convencer “de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras.” (FREIRE, 1987, p.37). Os professores dedicam-se à “narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade.” (FREIRE, 1987, p.37). Segundo suas palavras:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. (FREIRE, 1987, p.37).

A reflexão de Freire faz-nos pensar sobre os professores e a escola de Precious: todos os envolvidos estão muito mais preocupados em narrar os conteúdos, no comportamento dos alunos, no bom funcionamento da instituição,

mas não há um comprometimento se os alunos realmente aprenderam, se estão acompanhando, ou sequer envolver-se nos problemas que por acaso algum deles tivesse. Vê-se pela atitude que o diretor da escola toma em relação à Precious, após as tentativas de obter atenção, movimentação dela em sala de aula, diz para a professora desistir dela e focar nos alunos que acompanham, deixando a garota de lado. Para Freire esse tipo de educação que ele chama de “dissertadora” valoriza a sonoridade da palavra e não sua força transformadora, a memorização mecânica, uma escola em que os alunos são depositários, os professores são os depositantes. A educação, para Freire, nesse sentido, se torna um ato de depositar: “Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.” (FREIRE, 1987, p. 37). E, no caso de Precious, não aconteceu nem a memorização e nem a repetição.

2.3 RELAÇÕES NADA AMISTOSAS

A análise, nos tópicos anteriores, tem mostrado que o ambiente escolar, tanto físico, material ou humano, pouco ou quase nada contribuiu para o desenvolvimento de Precious. Pode-se dizer que a escola e os responsáveis (professores, diretor) não tiveram atuação na formação da garota, embora ela a frequentasse regularmente desde os sete anos mais ou menos. Neste tópico, a análise desenvolvida tem como foco as relações da protagonista-narradora com os colegas de sala de aula, assim como a família, nos assuntos concernentes a seu desenvolvimento escolar.

Freire (1987) aposta no poder transformador e revolucionário do diálogo, da comunicação, por meio deles o sujeito se torna dono de suas ações e pode ser um caminho para sair da opressão. O contrário, o antialogismo é a característica principal do estabelecimento da opressão: o opressor fala e o oprimido escuta.

A reflexão de Freire leva a se pensar nas relações que Precious tem com seus colegas. Para começar ela reporta pouco sobre sua rotina diária na escola 146, sobre seus colegas menos ainda. As passagens encontradas sobre eles são em sua maioria apenas lembranças que emergem de sua memória por meio do fluxo de consciência. Dentro da sala de aula é possível perceber seu isolamento quando ela comenta o lugar que costuma sentar: “A gente não tem lugar fixo na sala do Sr. Wicher, cada um pode sentar onde quiser. Eu sento na mesma carteira todo dia, no

fundo, na última fila, perto da porta. Mesmo sabendo que a porta fica trancada.” (SAPPHIRE, 2014, p. 12). Mesmo tendo a possibilidade de mudar de lugar ela preferia ficar no mesmo, todos os dias, e o mais afastado possível do restante das pessoas da sala.

Esse afastamento denota o antialogismo, ou seja, ela não quer conversar, não quer dialogar e nem estabelecer relações mais próximas com qualquer um dos colegas. Dessa forma, a adolescente se afastava de sua turma, porém não por iniciativa própria, mas porque a excluíam, zombavam, negligenciavam, tanto colegas quanto a escola de maneira geral: “Na primeira série eu não falava [...] Na segunda série eles ria de COMO eu falava. Por isso eu parei de falar. Pra que? Foi na segunda série que começou o negócio de eu virar piada.” (SAPPHIRE, 2014, p.47). Percebe-se que ela não teve escolha a não ser se afastar, pois não tinha amizade, carinho ou afeto por ninguém de sua turma, usando a distância como uma defesa.

Com o passar do tempo, ela cresce, engorda e passa a transmitir medo entre os colegas, pois como não conseguiu pela amizade, consegue pela imposição de sua presença. Da garota oprimida dos primeiros anos de escola, ela passa a opressora quando passa a fazer uso do antialogismo, continua não conversando e nem dialogando, mas ganhando as discussões no grito: “só fico sentada no fundo da sala de aula, alguém fala alguma coisa eu grito com eles, bato neles; no resto do tempo eu cuido da minha vida.” (SAPPHIRE, 2014, p. 46). Esta afirmação corrobora com o que já foi evidenciado no parágrafo acima, pois a jovem não tinha nenhuma relação amistosa dentro da sala, pelo contrário, para se defender dos comentários ou mesmo defender os professores, como o Sr. Wicher, ela agredia e gritava com os colegas.

Os principais acontecimentos, ou pelo menos os mais marcantes da vida de Precious, são conhecidos pelo leitor quando são narrados por meio de fluxo de consciência. Em uma das digressões, Precious narra o nascimento de sua primeira filha e em meio ao relato recorda-se dos meninos da escola enquanto a enfermeira lhe faz perguntas:

Ouçõ a garotada na escola. Um garoto dizendo que eu sô feia de rir. Ele diz:
- Claireece é feia de rir.
O amigo dele diz:
- Não, essa puta gorda é feia de chorar. (SAPPHIRE, 2014, p.21).

Entende-se que os comentários preconceituosos ficaram gravados na memória de Precious, pois tinham a finalidade de ridicularizá-la, zombando de seu

peso. Outro momento em que a narradora se vê em situação de ridicularização, ou discriminação, quando se lembra da escola após ter iniciado no Projeto: “Na escola eu era piada: monstro preto, canhão, Boeing B54 onde está você?” (SAPPHIRE, 2014, p.76).

Além do desinteresse da equipe escolar pelas dificuldades da adolescente, a família de Precious também não se importava se ela tinha um rendimento escolar, se estava aprendendo, afinal a escola seria como um depósito em que a filha deveria ficar boa parte do dia. Não havia qualquer demonstração de que valorizavam a escola, os estudos. Para a mãe, Mary, a frequência da filha na escola era muito mais importante, pois garantiria o auxílio financeiro da previdência social e não porque se importava com os estudos da menina. Após entrar no Projeto, Precious é questionada pela mãe sobre suas faltas na escola 146 depois da ligação de uma assistente social informando a perda do benefício, consequência das faltas escolares. A mãe ficou furiosa com a notícia e, embora a menina estivesse matriculada no projeto, satisfeita e aprendendo, isso não importava para Mary:

- Esquece a escola! É melhor você levar esse rabo até a previdência!
- Eu vou receber remuneração da escola.
- Foda-se remuneração! Que que é isso? Eu disse pra levar esse rabo até a previdência AGORA! (SAPPHIRE, 2014, p. 69).

Neste diálogo é possível compreender perfeitamente que o interesse da mãe em manter a filha na escola era puramente financeiro. Além disso, demonstra também sua desinformação, pois não sabe o que significa a palavra remuneração e este fator pode corroborar para a desvalorização da educação, pois se não teve a oportunidade de estudar e obter os benefícios que são consequências da educação, a mãe pode não compreender a importância da escola.

De acordo com Freire (1987):

Na medida em que os alfabetizandos vão organizando uma forma cada vez mais justa de pensar, através da problematização de seu mundo, da análise crítica de sua prática, irão podendo atuar cada vez mais seguramente no mundo.” (FREIRE, 1987, p. 20).

Depois de estar há algum tempo no Projeto, Precious reflete sobre sua trajetória na 146:

Imagino onde eu ia estar se tivesse aprendido em todos aqueles anos sentada na Escola 146 [...] Dizer a hora é fácil. Frações, porcentagem, multiplicar, dividir é fácil. Por que ninguém nunca me ensinou essas coisa antes? (SAPPHIRE, 2014, p. 123).

A jovem compreende que os anos que passou na escola poderiam ter sido melhor aproveitados, que a 146 poderia ter a levado a vários lugares a partir do desenvolvimento, do crescimento intelectual. Porém, não foi o que aconteceu e quando aprendeu conteúdos básicos de matemáticas refletiu que eles não eram tão difíceis quanto a escola os fazia parecer, ela só precisava de um ambiente acolhedor, responsável e comprometido com o ensino dos alunos.

Apesar da escola não parecer ser um ambiente que gostava de estar, Precious afirma: Eu sempre gostei da escola, mas parece que a escola nunca gostou de mim.” (SAPPHIRE, 2014, p. 47), essa era a impressão que a menina tinha do ambiente escolar. Ela conclui que a “escola nunca me aprendeu.” (SAPPHIRE, 2014, p. 76). Este aprender tem várias interpretações, pode-se compreender que a escola nunca a ensinou, mas também nunca compreendeu sua situação, seus problemas e dificuldades, bem como não tomou atitude para intervir em toda aquela situação que vivia.

Depois de perceber que a escola poderia ter feito mais sobre ela, Precious se dedica ao Projeto da Educação Alternativa, deixando aos poucos de ser oprimida e entrando em outro processo. Conforme Freire (2005):

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 2005, p. 46).

Analizamos uma personagem que está “em processo de permanente libertação” e estando, me propus analisar a importância da vida dela até, no máximo, seus 18 anos. No próximo capítulo será possível observar quais as consequências das mudanças tomadas pela jovem desde que saiu da escola regular para entrar no Projeto da Educação Alternativa.

CAPÍTULO 3

MAS O TEMPO TODO TEM SIDO SUBIDA

Este capítulo aborda, principalmente, as mudanças na vida de Precious a partir de sua entrada no Projeto da Educação Alternativa, o Cada Um Ensina a Um.

A forma como o projeto era desenvolvido, as metodologias utilizadas, as colegas de sala e a professora Blue Rain são temas analisados sob a perspectiva literária e educacional, baseando-se em discussões feitas por Paulo Freire (2005), bell hooks (2013; 2017), Passmore (1980), Gelbcke (2013) e Billings (2008).

3.1 O PROJETO CADA UM ENSINA A UM

3.1.1 Como se deu a entrada no projeto

Precious recebeu recomendações do Projeto Cada um Ensina a Um através da Sra. Sondra Linchenstein. A professora e assistente social da Escola 146 foi até a casa da jovem para sugerir que procurasse o prédio da Educação Alternativa, localizado na rua 125, no Hotel Thereza, 19º andar, pois afirmou querer ajudar Precious e porque o professor Wicher a via como uma boa aluna, com aptidão para matemática.

3.1.2 Os objetivos do Projeto

A Educação Alternativa, instituição da qual o Projeto Cada um Ensina a Um fazia parte, é descrita como “uma escola alternativa e uma alternativa é como uma escolha, um modo diferente de fazer alguma coisa.” (SAPPHIRE, 2014, p. 37). Observa-se durante o enredo que o projeto tem base semelhante à pedagogia engajada, a qual “valoriza o aluno” (hooks, 2017, p. 34), pois o foco central é sempre a aprendizagem das alunas, através de estratégias metodológicas variadas, como círculos/rodas de conversa, compartilhamento de experiências pessoais e educacionais, escrita em diários, cooperação, atividades em grupo.

Para definir em qual turma entraria, Precious precisou fazer uma prova, testando a sua leitura e o nível de matemática. As opções ofertadas de acordo com a série em que estudava eram: pré-DEG ou DEG. O segundo seria para “alunos cujas capacidades básicas estão de acordo e eles estão prontos para entrar numa

turma e começar a estudar para receber o Diploma de Educação Geral.” (SAPPHIRE, 2014, p. 40). E o pré-DEG seria uma preparação para o DEG.

3.1.3 As primeiras impressões

Ao pedir informações para entrar no projeto, Precious se surpreende porque sua ficha escolar já havia sido entregue pela antiga escola, facilitando sua entrada, parte do processo padrão de transferência ou com a intenção de transferir a aluna com problemas de aprendizagem para outra instituição e deixar de ser responsável por ela.

Precious afirmou não se surpreender com o resultado das provas, pois carregava consigo uma sensação de inexistência diante delas. A jovem se comparou e comparou o restante da família com vampiros em uma fotografia: “Eles come, bebe, usa roupa, fala, fode e coisa e tal, mas quando você vê direito, eles não existe.” (SAPPHIRE, 2014, p. 41).

As aulas de Precious eram na segunda, quarta e sexta, das 9h ao meio dia. Num primeiro momento a jovem estranhou o horário e questionou a professora porque ia à escola todos os dias. Porém, a professora é clara e objetiva quando pergunta se a jovem pode se acostumar à outra coisa. Precious pensa por um momento e em seguida responde em alto e bom som “- POSSO.” (SAPPHIRE, 2014, p. 44). Levando em consideração que na escrita palavras em maiúsculo denotam o falar alto, até gritar em alguns contextos, compreende-se que Precious deu uma resposta firme e segura, mas antes ela pensou, refletiu se seria capaz de encarar uma mudança, sentindo-se confiante deu a resposta e construiu mais um momento de atitude e de poder sobre si.

A primeira impressão da sala de aula é sobre a janela, pois a narradora protagonista percebe que está num andar bem alto e pode enxergar o céu azul, embora tenha achado feia a parede verde do interior da sala. Há uma possibilidade de se refletir a simbologia do sentimento de Precious ao conhecer essa nova sala de aula, o céu azul juntamente da professora Blue, podem ser um elemento motivador, transformando esta cor em símbolos de tranquilidade e harmonia, simbolizando o céu e a água, elementos essenciais para a sobrevivência e construção do mundo, a partir de agora o novo mundo de Precious.

3.1.4 As colegas de turma

A turma tinha seis pessoas e os primeiros pensamentos de Precious foram:

Olho o cabelo comprido tipo dread da Sra. Professora, parece tipo legal mas tipo feio também. Meus joelho tão tremendo. Tô com medo de me mijar, apesar que eu não faço isso tem ano. Não sei como vou conseguir, mas vou. Olho as seis cadeira bem enfileiradas no fundo da sala. Preciso chegar lá. (SAPPHIRE, 2014, p. 51).

As lembranças de como se sentia na infância frente à turma que a hostilizava a fez relembrar de quando se urinava por medo, insegurança. Ainda assim ela busca de acalmar e convencer de que irá conseguir chegar até a carteira, no fundo da sala. Pela descrição de Precious é possível compreender que as seis carteiras ficavam no fundo da sala, uma ao lado da outra, formando uma única fila. Sobre isso, a jovem ficou em êxtase ao perceber que estava na primeira fila, isso não acontecia na antiga escola e ela admite que mal enxergava o quadro de onde sentava.

Precious tinha um caderno, mas o esqueceu em um restaurante. Jo Ann, uma de suas colegas de turma, o encontrou e pode devolver a Precious ainda no primeiro dia de aula. A solidariedade que a colega demonstrou em devolver seu caderno, a gentileza por sorrir e perguntar sobre o bebê que esperava, fez com que a jovem se espantasse, pois não estava acostumada com este tratamento.

Billings (2008, p. 59) trazendo o discurso da professora Lewis afirma que “Ter uma espécie de espírito de equipe ajuda a entender que o sucesso de um é o sucesso de todos, e que o fracasso de um é o fracasso de todos.” De acordo com a autora citada, entendemos este processo de ajuda como “aprendizagem cooperativa” (BILLINGS, 2008, p. 79), a qual acredita não somente na possibilidade, mas também no dever deste processo.

Todavia, a ideologia implícita no uso que fazem dessas estratégias é preparar seus alunos para o crescimento coletivo e libertação. Em vez de promover a importância da realização individual, os professores encorajam seus alunos a trabalhar dentro de uma estrutura coletiva e recompensar com mais frequência os esforços do grupo que os individuais. (BILLINGS, 2008, p. 79).

As integrantes do grupo eram, além de Precious: Rhonda Patrice Johnson, jamaicana, estava lá porque queria tirar o DEG; Rita Romero, americana, largou a escola e nunca conseguiu ler e escrever direito, se considerava boa mãe; Jermaine, americana, chegou ao programa através de uma amiga; Jo Ann, tem planos de seguir carreira musical e buscou o projeto para tirar o DEG pensando na sua futura carreira; Consuelo Montenegro, embora Precious narre que ela é mexicana, a aluna

prefere não revelar nada sobre a sua vida. Estas foram as respostas dadas durante o primeiro círculo e as primeiras impressões de Precious sobre as colegas. É possível observar que há uma diversidade cultural e de motivos para terem chegado até ali com o mesmo objetivo que era conseguir o Diploma, mas principalmente um ponto em comum que era o de serem mulheres excluídas da sociedade. Gelbcke (2013) se pauta em Freire para citar a educação como prática da liberdade: “Portanto, de acordo com Freire, cabe ao/a professor/a partir da realidade do/a estudante como estratégia pedagógica, e ainda, quanto maior a diversidade de realidades presentes nas salas de aula, mais rico o aprendizado será.” (GELBCKE, 2013, p. 65-66). Partindo desse pressuposto e pensando em uma turma diversa como a de Precious, os aprendizados eram significativos através de uma metodologia cooperativa, do compartilhamento de experiências durante os círculos, inclusive.

Nessa ocasião Precious contou a turma seu nome, de onde veio, que o amarelo era sua cor favorita, que teve problemas com a antiga escola e por isso estava ali e que gostava de cozinhar. Esta foi a primeira vez que ela falou em uma sala de aula, além dos momentos em que brigava com os colegas ou professores, marcando mais um momento importante na sua trajetória, participando efetivamente da turma em que estava matriculada, recebendo atenção da professora e das colegas. Uma marca desse tipo de sala de aula, cooperativa, é a segurança psicológica, pois diante do apoio e conforto que tem da professora e seus colegas, sentem-se mais seguros para os estudos. (BILLINGS, 2008).

3.1.5 As práticas metodológicas

A prática da gentileza e da solidariedade pode ser vista como parte da metodologia utilizada no Projeto, visto que o próprio título dele sugere que os participantes se ajudem. Uma situação de gentileza observada e já citada é a de Jo Ann e Precious, quando a colega devolve o caderno da jovem porque o havia encontrado no restaurante Frango Frito. (SAPPHIRE, 2014, p. 53).

Outra prática metodológica da proposta era a dos círculos, com a intenção também de se conhecer, dizer suas preferências, habilidades e o motivo de estar ali. Um fator interessante é que a professora Blue se coloca no mesmo patamar das alunas, sentando-se no círculo e ocupando uma posição comum, inclusive sendo a

primeira a falar, não somente questionando e ouvindo as alunas, mas também compartilhando detalhes pessoais. De acordo com Billings (2008), quando traz o discurso da professora Patrícia Hilliard a respeito de aproximar os conteúdos da realidade dos alunos: “Não posso alimentá-los com uma dieta constante de histórias graciosas de pequenos animais e crianças felizes da classe média. Suas experiências também têm que fazer parte do nosso currículo.” (BILLINGS, 2008, p. 71).

Esta prática inicial de compartilhar informações pessoais pode ter auxiliado na relação de confiança das alunas com a professora, além de Blue poder conhecer melhor cada integrante do grupo, suas preferências e habilidades para mais tarde poder utilizar contextos reais de suas vidas como base para um aprendizado, dando significado aos estudos.

Ferreira (2015) ao abordar sobre letramento crítico traz a definição: “O letramento crítico é também entendido como uma ferramenta para entender o contexto social, político e ideológico em que o aluno se insere.” (p. 136) Sendo assim, compreende-se que Blue utilizou desta base para compor a estratégia de contextualizar a vida de seus alunos, procurou entender o que levou as alunas a chegarem até ela e como se enxergavam até o momento para compreender de que forma estavam inseridas na sociedade.

A Professora explica o método de apresentação e da roda de conversa, em seguida ocorre o diálogo:

Olho a Srta. Rain. Ela diz:

- E então, Precious, e você, acha que está no lugar certo?

Quero dizer a ela o que eu sempre quis falar a alguém, que as página, a não ser as que têm figurinhas, é tudo igual pra mim; sobre a fila de trás onde não tô hoje; que ficava sentada com 7 anos o dia inteiro sem me mexer. Mas não tenho 7 anos. Mas tô chorando. Olho a Srta. Rain na cara, as lágrima tão me descendo pelos olho, mas não tô triste nem sem graça.

Pergunto:

- Eu tô, Srta. Rain? Eu tô no lugar certo?

Ela me entrega um lenço de papel, diz:

- Está, Precious, está. (SAPPHIRE, 2014, p. 59-60).

Emocionada por perceber que foi bem aceita, que tem chances de aprender, se transformar e libertar, Precious gostaria de ter dito tudo que a estava atormentando durante todo esse tempo, mas ainda não era o momento. Recebeu a afirmativa da professora de que estaria no lugar certo, findando este momento de expectativa e emoção. Diante disso, sutis mudanças de comportamento deram à

protagonista ferramentas para continuar tentando, sem desistir de aprender. Billings (2008, p. 31) afirma que “[...] é a maneira como ensinamos que afeta profundamente a maneira como os alunos percebem o conteúdo daquele currículo.” por isso o sucesso desde o primeiro dia de aula, a forma como Blue conduziu a sua turma também teve grande impacto sobre as mudanças.

A escrita em diários também fazia parte da metodologia da professora Blue. Todos os dias as alunas deveriam escrever por 15 minutos em seus diários, qualquer que fosse a informação, a intenção era “ver as letras que representam as palavras que vocês estão pensando.” (SAPPHIRE, 2014, p. 74). Diante disso, Larrossa (2002, p. 21) afirma que:

Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos.

Dessa forma, Blue trabalhava no sentido em que Larrossa aborda, a palavra como representação, para dar sentido ao que as alunas viviam ou pensavam. E é nesse modelo que as escritas no diário se desenvolvem ao longo da narrativa, empregando palavras, ainda que com dificuldade, no intuito de escrever, se comunicar e aperfeiçoar a escrita.

Precious não sabia escrever muito bem, por isso a professora a incentivava a escrever da forma que conseguisse e depois colocava a correção entre parêntesis abaixo de cada palavra:

To p na Mg
[...] Eu leio:
- Tô pensando na Monguinha.
Embaixo do que eu escrevi, a Srta. Rain escreve com lápis o que eu falei.
To p na Mg
(*Tô pensando na Monguinha*)

Assim, ao mesmo tempo em que Precious exercitava a sua escrita e formava um canal de comunicação com a professora, a professora também mostrava como se escrevia o que ela queria.

Também havia um *feedback* desta escrita, a professora respondia ao que as alunas escreviam em seus diários, dessa forma criaram um canal de confiança. Ao ter seu filho Abdul Precious se comunica com a professora através de seu diário:

Cara Srta. Rain,
 os ano tod eu sta na sl nuc apeni
(Os anos todo eu sentava na sala e nunca aprendia)
 mas tv neem de nov Neem me pai
(mas tive neném de novo, o Neném é do meu pai)
 [...]
 Querida Precious,
 Não se esqueça de pôr a data, 18/1/88, nas anotações do seu diário.
 [...]
 (SAPPHIRE, 2014, p. 83-84).

Neste diário havia um diálogo com a professora, ela respondia aos desabafos das alunas e, assim, criavam um canal de escrita e leitura, bem como de comunicação. Sobre Blue mencionar a importância da data:

O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. (BLANCHOT, 2005, p. 270).

Embora o diário traga a liberdade de escrita e organização de pensamentos, ele tem apenas uma regra que é a de respeitar o calendário, ou seja, inserir sempre a data.

De acordo com Alberti (1991, p. 74) “A narrativa ficcional se distingue da autobiográfica por não se referenciar a uma ‘realidade’ anterior ao exterior ao texto (a vida do autor), e sim produzir um ‘outro mundo’ [...]”. Dessa forma, em Preciosa, não há uma autobiografia, mas sim uma narrativa ficcional em que a narradora protagonista utiliza estratégias para escrever sobre a sua vida e compor o teor da obra.

A Srta. Rain sabe que a Monguinha é minha filha porque eu escrevi no diário. Tô feliz porque tô escrevendo. Tô feliz porque tô na escola. A Srta. Rain diz que a gente vai escrever todo dia, isso quer dizer em casa também. E ela vai escrever de volta todo dia. Que legal! (SAPPHIRE, 2014, p. 75).

Demonstrando sua felicidade em estar no projeto, Precious também sinaliza sua satisfação com a metodologia de escrita em diários proposta pela professora. Além disso, ela pode confidenciar a alguém situações que antes não tinha a quem contar, encontrou na professora um porto seguro para desabafar e nesse sentido vemos outra prática metodológica: a da escuta.

O conceito de “escrevivência”, criado por Conceição Evaristo, autora brasileira e negra, parte das experiências e lembranças de sua vida e de seu povo para

escrever seus textos.¹⁸ Assim, podemos enxergar nas escritas de Precious também uma forma de escrevivência, a sua própria história, denunciando a negligência familiar e educacional, bem como valorizando os estudos e o projeto que frequentava.

Dessa forma, a escrita de Precious é uma forma de enfrentar a sua mãe e os abusos, além de dar legitimidade para as lutas que trava, tratando de assuntos importantes que também se apresentam como uma representação de outras meninas, mulheres negras. Porém, mesmo se desenvolvendo bem com a escrita dos diários, as situações pelas quais passou ainda assombravam Precious. Ao escrever palavras iniciadas com as letras do alfabeto, ela usou:

M ma ce ne mamai
(Má que nem mamãe)
N nau mi bat
(não me bate)
O opcau
(Opressão)
[...] S s a d ci
(sai de cima)
T 2 tonl
(duas toneladas) (SAPPHIRE, 2014, p. 80).

Recordou da maldade de sua mãe, das surras, da opressão que sofria, de querer que seu pai saísse de cima, do apelido que ele a chamava. Ela continuava com as lembranças se misturando aos seus pensamentos, nesse caso bell hooks explica que “As palavras se impõem, lançam raízes na nossa memória contra a nossa vontade.” (2013, p. 223) e também porque Freire (2005) afirma que os oprimidos, mesmo depois de se desvencilharem dos opressores, estarão em um processo permanente de libertação.

A jovem também escrevia poemas bastante interessantes e reveladores, além de demonstrar seu carinho pela professora. Esta fica muito satisfeita ao ver a evolução de Precious e a elogia com frequência. Podemos observar a eficácia neste método em alguns pontos: na socialização, a jovem agora se comunica e desabafa o que antes guardava para ela; desenvolve sua escrita e leitura; aumentou seu vocabulário; aprendeu a escrever e escreve poemas; reconhece a importância do método:

¹⁸ Informação retirada do site <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>> Acesso em 28 de outubro de 2018. Gostaria de poder explorar mais dele aqui, porém, a autora tem uma realidade bem diferente de Precious, o contexto é muito distante do que viveu a protagonista, por isso somente vou citar a semelhança e o conceito brasileiro dessa escrita da vivência.

Você sabe, como a gente escreve pra professora e ela escreve de volta no mesmo caderno de diário que nem se tivesse falando no papel e a gente pode VER a fala voltando pra gente quando a professora responde de volta. Quero dizer, foi isso que me fez querer escrever de verdade no começo, saber que minha professora ia escrever de volta quando eu falo com ela. (SAPPHIRE, 2014, p. 109).

Este *feedback* que recebeu fez com que continuasse escrevendo. Precious que não tinha a atenção da mãe, nem de nenhuma outra pessoa, encontrou nesse diálogo um ombro amigo, conforto, conselhos e conhecimento. A atenção que necessitava chegou através da professora Blue Rain e seu método de escrita em diários. Freire (2005, p. 89), em sua discussão sobre a dialogicidade, afirma que o diálogo, enquanto fenômeno humano, pode ser analisado através da palavra. Esta é constituída pela ação e reflexão e juntas são capazes de transformar o mundo.

Munanga (2006) aborda o currículo escolar e a possibilidade de flexibilizá-lo em prol de uma cultura inclusiva e mais legítima:

Alargar e mudar o currículo escolar se torna tão essencial, não apenas em nome de uma cultura mais vasta para todo mundo, mas sim para dar o reconhecimento legítimo àqueles que até então eram excluídos. A ideia fundamental que sustenta essas demandas é a de que o reconhecimento possa forjar a identidade [...]. (MUNANGA, 2006, p. 30).

Pautada no autor acima, compactuo de seu pensamento e acredito que a existência e oportunidade de participar do projeto da Escola Alternativa deu à Precious uma nova chance de viver. A exclusão que sofreu na trajetória escolar até então, causou marcas emocionais e defasagens profundas em seu aprendizado, porém, com a Professora Blue Rain ela pode recuperar os estudos e, conseqüentemente, sua autoestima, passou a acreditar que era capaz de realizar muito do que sonhava. A flexibilização no currículo e a possibilidade de se construir um projeto diferenciado para atender alunas com dificuldades de aprendizagem foi crucial para alcançar os objetivos de ensino.

Sobre a escrita, em consonância com Brito (2007, p. 2), concordo que “A escrita, então, não deve ser considerada como mero instrumento de aprendizagem escolar, mas como produto cultural.” Através de suas palavras ela enxergava o que poderia fazer, quais as suas possibilidades, ao mesmo tempo em que desabafava sobre seus anseios, como quando estava aguardando os resultados dos exames para HIV e escreve alguns poemas:

[...]
nejatvo
(negativo)

po qe? po qe?
 (*por quê? por quê?*)
 cera qe devo
 (*será que devo*)
 meti
 (*mentir*)
 pra mim mezm
 (*pra mim mesma*)
 eu
 pesizo
 (*preciso*)
 sabe
 (*saber*)
 a vedade
 (*a verdade*) (SAPPHIRE, 2014, p. 106).

A protagonista assina como “Precious Jones a poeta” (SAPPHIRE, 2014, p. 105) também em outras produções poéticas, demonstrando não somente seu conhecimento sobre poemas, mas inclusive a autoconfiança adquirida através do seu diário. É através dele também que a professora Blue valoriza o desenvolvimento da aluna, conforme observado no trecho:

Querida Srta. Precious,
 Você levanta meu dia! Você simplesmente não sabe como adoro ter você na
 minha turma, como eu amo você, ponto final. E sinto orgulho de você; toda
 a escola sente orgulho de você. (SAPPHIRE, 2014, p. 104).

Sendo afetuosa e valorizando sua aluna, Blue incentiva a jovem a continuar aprendendo, ao mesmo tempo em que a proximidade das duas permite a Precious confiar seus segredos à professora.

Seguindo a teoria de Brian Street (2007), vejo que o termo letramento é bastante complexo para ser entendido como uma unidade, por isso prefiro utilizar a expressão práticas de letramento. Diante disso, o autor afirma que existem várias formas de práticas e que cada uma delas está ligada a um conceito cultural específico. Outro fator importante é a formação identitária possível de ocorrer durante as práticas de letramento, pois segundo Street (2007, p. 466): “[...] quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar.”

Dessa forma, de acordo com o contexto em que se vive ou se estuda, é possível ocorrer o desenvolvimento ou (re)construção de identidades, estando ligadas também aos papéis sociais a serem desempenhados. No caso de Precious, durante a escrita dos diários, ela se via, principalmente, como mãe do Abdul, a partir disso as práticas de letramento faziam sentido pra ela ao falar do filho, da sua rotina

com ele, seus planos para o futuro e da importância em proporcionar a ele também práticas de letramento, seja a partir de leituras de livros infantis enquanto ainda era um bebê, quanto planos para seus estudos no futuro. Pensando nisso, as práticas podem direcionar os sujeitos, fazendo com que eles tracem e busquem seus objetivos, no caso de Precious aprender a ler e a escrever lhe deu suporte para se livrar da relação abusiva com a mãe e seguir sozinha com seu filho. Precious aprendeu sobre as pessoas, sobre si mesma, foi além das práticas de escrita e leitura, ela aprendeu a ler o mundo.

Sobre essa temática, Street (2007, p. 472) afirma que:

Quando outros letramentos são reconhecidos, como, por exemplo, nas práticas de letramento associadas a crianças pequenas ou a diferentes classes ou grupos étnicos, eles são apresentados como inadequados ou tentativas falhas de alcançar o letramento próprio da cultura dominante: exige-se então a atenção remediadora, e os que praticam esses letramentos alternativos são concebidos como culturalmente desprovidos.

A exemplo desses projetos, Street (2007) cita alguns professores e suas práticas de letramento, comentando sobre Camitta, uma pesquisadora da *Community High School*, da Filadélfia. Ela comparou textos escritos fora e dentro da escola. Segundo o autor “[...] a escrita, descobriu ela, era uma atividade importante e variada e identificava grandes áreas que ‘organizavam’ a cultura do adolescente [...] os jovens estavam se ‘apoderando’ do letramento.” (STREET, 2007, p. 479). Demonstrando assim que, além da importância da escrita para os adolescentes se expressarem, também existem práticas de letramento fora da escola, em ambientes alternativos e que obtém tanto sucesso, de acordo com seus objetivos, quanto no ambiente escolar. Já Billings (2008) traz em sua pesquisa o exemplo da professora Hollins, que em sua pesquisa apresenta alguns programas que buscam beneficiar os alunos afro-americanos. Dentro deles, encontramos uma categoria que converge com o que observamos em Preciosa, onde o objetivo é “[...] ressocializar os alunos afro-americanos com vistas a comportamentos, valores e atitudes socialmente predominantes, ao mesmo tempo em que ensinam habilidades básicas.” (BILLINGS, 2008, p. 27). Os problemas trazidos por estes alunos tinham base familiar, assim como Precious. Como solução ou consequência, eram removidos de suas famílias/comunidades e incluídos na sociedade através da transformação pela educação. É exatamente desta forma que enxergamos o papel do Projeto Cada Um Ensina Um, da Escola Alternativa, o qual Precious frequentou, no de incluir alunas

marginalizadas na sociedade e lhes dar suporte para progredirem nos estudos, pensarem em uma profissão, etc.

Billings (2008) comenta sobre as práticas de Patrícia Hilliard, uma professora afro-americana. Ela vê seus alunos como autores. Sobre as atividades de escrita com seus alunos, ela acredita que a escrita é um processo encorajador e progressivo, embora não trabalhe diretamente com diários como ocorre com Precious, consigo assimilar esta metodologia, pois além do encorajamento que desenvolveu na protagonista para contar sua vida em seus primeiros escritos, também foi progressiva, se desenvolvendo pouco a pouco.

Na primeira vez em que leu, sentiu-se muito nervosa, as lembranças sobre os abusos sexuais a fez ter algo semelhante a um ataque de pânico. Blue preocupada quis até chamar uma ambulância ou, por ainda não saber do histórico, sugeriu que chamasse Mary, a mãe. Precious se recompôs diante da sugestão e confessa não saber ler e nem identificar o número das páginas. Com a ajuda da professora ela junta algumas sílabas, até que lê pela primeira vez:

- Um dia na praia.

Ela diz muito bem e fecha o livro. Sinto vontade de chorar. Sinto vontade de rir. Quero abraçar e beijar a Srta. Rain. Ela faz eu me sentir bem. Eu nunca tinha lido nada antes. (SAPPHIRE, 2014, p. 67).

Este foi outro marco importante em sua trajetória no projeto, pois através dele conseguiu ler pela primeira vez. A emoção é tanta que surge um paradoxo, do choro e riso. A professora a fez se sentir bem, não só por lhe ajudar a ler, mas por ter paciência, por apoiá-la e enxergar nela um potencial que ninguém mais havia enxergado.

3.2 A PROFESSORA BLUE RAIN

O primeiro contato de Precious com a professora Rain foi ao chegar atrasada no primeiro dia de aula na Educação Alternativa:

A Srta. Rain enfiou a cabeça pela última porta na esquerda e disse:

- Você está bem? – Eu sei quem é ela porque a Sra. Trancinhas de óculos apontou pra ela depois que eu terminei o teste e me mostrou minha professora e minha sala. (SAPPHIRE, 2014, p. 50).

As primeiras impressões da jovem sobre a professora são do aspecto físico, seus dreads, o que Precious acha legal e feio ao mesmo tempo. Logo no início percebe-se que Blue Rain exige que sua sala de aula seja disciplinada e cobra pontualidade de suas alunas, do contrário não entrariam na sala em uma próxima

vez, seu discurso é bastante objetivo e claro ao se referir ao atraso de Jo Ann “Na próxima vez fique onde parar. A partir de amanhã está porta vai estar trancada às 9 horas!”. (SAPPHIRE, 2014, p. 52).

Quando a professora menciona que irão se conhecer no primeiro dia de aula para pensarem no que podem fazer juntas, Precious se desespera e começa a relembrar de outra professora, pois acredita que a Srta. Rain já deveria saber o que fazer, que ela e suas colegas estão apenas para serem ensinadas, trazendo à tona o aluno como um mero depósito de informações, o que se desencontra do objetivo das aulas, a aprendizagem cooperativa, a reflexão de todas, inclusive da professora. Mas esse desespero é cortado pela fala da professora sugerindo que façam um círculo e se apresentem. De acordo com Passmore (1980) “[...] para se ser bom professor tem, não só que se *saber* algo acerca daquilo que se está a ensinar, mas *preocupar-se* com isso e *interessar-se* pelos estudantes que se está a ensinar.” (p. 6) Também convergindo com a relação que percebo entre Precious e a professora Blue, pois este momento de apresentação e compartilhamento de preferências e habilidades é uma forma de se interessar e preocupar com o contexto de onde vinham suas alunas.

Ao chegar a vez de Precious, a jovem não sabia o que dizer que fazia bem, mas a professora disse suavemente a ele que todos fazem alguma coisa bem, iniciando aí uma relação de apoio, segurança e incentivo que é possível observar dentro e fora da sala de aula. Precious, em lágrimas, pergunta a professora se está no lugar certo e recebe uma resposta afirmativa junto de um lenço de papel, afirmando a cumplicidade que se faria presente entre as duas. Para concluir o primeiro dia de aula a professora chama cada aluna para conversar individualmente em uma sala, enquanto as outras precisavam se ajudar e completar o alfabeto no quadro. De acordo com Billings (2008, p. 74) o professor Culturalmente Relevante “[...] incentiva os alunos a estudarem cooperativamente. Espera-se dos alunos que ensinem uns aos outros e sejam responsáveis uns pelos outros.” É o que observamos na obra analisada quando as alunas se ajudam para escrever o alfabeto no quadro, dessa forma pode se enxergar Blue como uma professora que pratica o ensino culturalmente relevante, a cooperação e o trabalho em equipe. Precious ficou apreensiva, pois não sabia o que “ordem alfabética” significava. Na sua vez deveria ler uma página, mas confia a professora que não sabe. Aos poucos a professora e a aluna fazem exercícios de interpretação das figuras até

chegar às letras, ao fim Precious conseguiu ler sua primeira frase: “- Um dia na praia.” (SAPPHIRE, 2014, p. 67). Em seu primeiro dia de aula com a professora Blue ela já conquistou mais coisas do que uma década na escola 146.

Rain usava algumas frases de efeito para aconselhar Precious, a primeira delas foi “A jornada mais longa começa com um único passo.” (SAPPHIRE, 2014, p. 61), se referindo ao temor de escrever todos os dias em um diário, visto que Precious não sabia escrever. Outra frase evidenciada pela aluna é a “que a verdade libertará.” (SAPPHIRE, 2014, p. 81), a professora disse que leu e então compartilhou com a aluna e Precious se lembra dela ao denunciar a mãe para a assistência social, demonstrando que o discurso da professora a auxiliou em sua reflexão para tomar a decisão de denunciar sua mãe. “A escrita pode ser o barco que vai levar você para o outro lado.” (SAPPHIRE, 2014, p. 112), mais uma vez observa-se uma frase de efeito com o intuito de incentivar Precious, dessa vez a escrever cada vez mais, pois a jovem se sente afogando após descobrir quem tinha AIDS e não queria mais escrever. Dessa forma a professora a provoca a pensar na importância da escrita e do quanto evoluiu com ela desde o início, portanto não era hora de parar.

Como vimos no segundo capítulo, o professor culturalmente relevante, de acordo com Billings (2008), apresenta como característica essencial a humanização seja no trato com os alunos, com a cultura a qual eles pertencem entre outras qualidades. As definições trazidas por Billings podem ser facilmente encontradas em Blue, a professora do Projeto, pois além de conhecer profundamente cada um dos seus alunos, procura desenvolver as potencialidades que cada um apresenta. Ao sugerir a série Raízes¹⁹ para as alunas assistirem ela tem como objetivo fazer com que conheçam, compreendam a história do seu povo.

Mesmo no hospital após parir o segundo filho, Precious recebe a visita da professora e ela se propõe a continuar o método de escrita em diário, por isso as duas fizeram dele um canal de comunicação enquanto a jovem esteve no hospital. O primeiro diálogo trata da confissão de Precious sobre os abusos do pai e a professora não demonstra estar chocada ou faz qualquer juízo de valor sobre o assunto, ela mantém o tom cordial e as exigências do método:

¹⁹ Série americana de 1977, sobre a escravidão e a procura da liberdade. Uma revolução pra época, onde quase todo o elenco era afro-americano. Informação retirada de: <https://filmow.com/raizes-t40209/>

Querida Precious,
Não se esqueça de pôr a data, 18/1/88, nas anotações do seu diário.

Fico feliz porque você ama seu neném. Acho que uma jovem linda como você deve ter a chance de estudar. Acho que sua primeira responsabilidade tem de ser com você mesma. Você não deveria largar a escola. VOLTE PARA AS AULAS. NÓS SENTIMOS SUA FALTA.

Com amor, Srta. Rain. (SAPPHIRE, 2014, p. 84).

Neste trecho é possível observar a cordialidade e o carinho com o qual Rain trata Precious, mas também a forma profissional e séria que enxerga a escrita em diários, fazendo uma observação pertinente sobre a data. Rain entra em um assunto delicado da possibilidade de dar Abdul, filho de Precious, para a adoção, pois vê potencial em Precious e gostaria que ela não largasse os estudos. Na sequência do diálogo a jovem é bastante clara e se mantém firme na ideia de criar o filho, mesmo com os conselhos da professora “Para mim parece o contrário. Se você ficar com o Abdul talvez não tenha nada. Você está aprendendo a ler e escrever, isso é tudo.” (SAPPHIRE, 2014, p. 84). Além disso, a professora ordena que Precious volte à escola após sair do hospital, deixando bem clara sua posição sobre a adoção e da importância dos estudos para a jovem, promovendo o que Passmore chama de “ensino centrado no aluno”, quando procura-se ir além de expor a matéria, mas sim auxiliar o aluno nesse processo de aprendizagem. (PASSMORE, 1980, p. 7), neste caso incentivando e aconselhando a jovem a não desistir dos estudos.

Gelbcke (2013) acredita que a educação como prática da liberdade se desenvolve a partir de um professor que também é desafiador, que ajude os alunos a desenvolverem sua capacidade crítica e emancipatória. Em consonância a isso, a professora também faz Precious refletir sobre as pessoas que a aconselham. Quando a jovem escreve que sua avó não quer que coloque o filho para a adoção, a professora pergunta onde estava a avó durante todos os anos em que Precious foi abusada. Este é um fator importante a se refletir, pois se a avó encobria Mary com os assuntos da previdência, possivelmente sabia o que acontecia com a neta, mas nunca tomou nenhuma atitude para melhorar a vida da garota, dessa forma o conselho de nada valeria se vem de alguém que quando deveria tomar uma atitude, não toma.

Após brigar com a sua mãe e sair de casa, Precious vai até a Educação Alternativa pedir ajuda.

Pela cara da Srta. Rain eu posso ver que não vou ficar mais sem teto. Ela xinga baixinho que porcaria de rede de segurança, necessidades mais

básicas, uma criança recém-nascida, UMA CRIANÇA RECÉM NASCIDA! Ela tá PIRANDO de vez. (SAPPHIRE, 2014, p. 93).

A revolta e a atitude da professora fez toda diferença na vida da jovem, pois através das ligações conseguiu uma vaga para ela e o filho na Casa Meio Caminho, uma espécie de abrigo.

Observa-se na Professora Blue o que Billings (2008) chama de “professores bem-sucedidos”, que percorrem caminhos diferentes para alcançar os objetivos, nesse caso “[...] assegurar o crescimento e desenvolvimento de seus alunos.” (p. 33). A autora ainda faz classificações sobre professores, trazendo o conceito de Maestro, estes buscam a excelência no que fazem, acreditam em seus alunos e que todos podem obter êxito. Diante disso Blue pode se encaixar neste grupo por se esforçar ao máximo para promover o conhecimento dentro de sua turma, além de fatores externos que auxiliaram Precious.

Sobre o educador, Freire (2005, p. 96-97) nos traz dois conceitos: o do educador-bancário e do educador-educando. O primeiro se preocupa essencialmente com seu programa de ensino, focando apenas no conteúdo. Já o segundo, e no qual cremos que a professora de Precious, Blue Rain, se encaixa, é problematizador, dialógico, onde o aluno seria o A e o professor o B, unidos e mediatizados pelo mundo. Dessa forma os dois são essenciais para a efetividade do ensino, um complementando o outro, da mesma forma como se observa a relação de Precious e Blue dentro do Projeto.

Na sua primeira vez no círculo a adolescente pensa: “Agora todo mundo tá me olhando. No círculo eu vejo todo mundo, todo mundo me vê.” (SAPPHIRE, 2014, p. 58). Embora fosse sua primeira experiência, já num primeiro momento a garota observou que o círculo permitia que todos se enxergassem de forma igual, solidária, pois estavam ali com o mesmo ou semelhante objetivo e, embora tivessem histórias diferentes, as causas de estarem ali eram advindas de traumas, podendo apoiar-se. Muitas mudanças após a Educação Alternativa são possíveis se observar em Precious, uma delas está na questão de pertencimento. A adolescente reflete e conclui que “[...] desde que sentei no círculo notei que a minha vida toda, a minha vida toda eu tava fora do círculo. Mamãe me dando ordem, papai falando pornô comigo, a escola nunca me aprendeu.” (SAPPHIRE, 2014, p. 76). O primeiro círculo em questão, possivelmente, é o que a professora e alunas fazem durante as aulas, rodas de conversa, fazendo com que Precious se sinta parte de um mundo. Como

se antes disso ela não pertencesse a nenhum outro grupo, apenas sobrevivesse. A escola ensina, mas ela também deve aprender com os alunos, por essa ótica, Precious não foi aprendida, compreendida, ela foi tornada invisível.

Diante do que observei sobre a relação de Precious com a Professora Blue, encontrei consonância com o que afirma bell hooks (2013): “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo.” (p. 25) O método utilizado pela professora não só auxiliou a protagonista em sua alfabetização, mas também de forma pessoal, a incentivando a resolver seus problemas, mudar de vida e buscar pelos seus sonhos. É possível encontrar nesta relação o respeito, a proteção e as condições às quais hooks se refere.

3.3 OS RESULTADOS DA PEDAGOGIA ENGAJADA

De uma média 2,8, Precious subiu para 7,8, demonstrando grande empenho e conhecimento. Nas últimas linhas da obra ela revela como está naquele momento, aos 18 anos, agora morando na Casa Progresso, com seu filho Abdul. Estava lendo “O ABC Negro” para o filho, simbolizando um recomeço harmonioso, otimista, ligado aos estudos e ao que a transformou: o abc, a alfabetização, a libertação através do conhecimento, principalmente ligado ao aspecto racial, pois poderia ser qualquer ABC, mas a autora deixou claro que era o negro, ocorrendo o culturalmente relevante também na relação entre mãe e filho.

Outra mudança importante foi no aspecto comportamental com relação ao que os outros iriam pensar da adolescente. Ela relata, ao completar um mês na escola nova, que a partir daquela época ela não esconde mais sua gravidez, ao contrário, ela compreende melhor a importância daquele momento, não vê apenas como algo ligado a ela, mas sim uma parte dela. (SAPPHIRE, 2014, p. 76).

A protagonista, feliz por estar aprendendo, mentaliza o mesmo desempenho para seu filho, dizendo que “Aposto que meu neném vai saber ler. Aposto o caralho nisso! Aposto que ele não vai ter mãe burra.” (SAPPHIRE, 2014, p. 76).

A Educação Alternativa se mostra um dos lugares preferidos da adolescente, que compara a vista de sua janela com a da escola, de forma simbólica, enxergando na primeira tijolos sujos e na segunda um céu. É possível interpretar como se em casa o clima fosse mais pesado, sombrio, triste, sujo, medonho,

enquanto que na escola, no céu, fosse tranquilo, harmonioso. (SAPPHIRE, 2014, p. 77).

Aprender o alfabeto e conseguir se comunicar com a professora Blue através dos diários deixou Precious mais autoconfiante, inclusive em seu relacionamento pessoal com a mãe. Ela deixa bem claro à progenitora quais os dias e horários em que irá para a escola, não tendo nenhuma atividade em casa que a impedisse disso. Também afirmou que: “Minha mãe pegou a Monguinha mas ela não vai pegar esse. Sou copetente [...]” (SAPPHIRE, 2014, p. 78). Refletindo sobre a postura de Precious neste momento, recorro a Freire (2005, p. 39) quando afirma que em uma relação de opressão, para se libertar é necessário que o indivíduo se entregue à práxis libertadora que, segundo o autor seria a “[...] reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo.” (FREIRE, 2005, p. 42), ou seja, por mais que a protagonista soubesse que estava sendo vítima de abuso e violência, não seria necessariamente o que impulsionaria a busca pela libertação, além disso, era preciso estabelecer um limite e engajar-se na luta.

Ao voltar pra casa com o segundo filho recém nascido, Precious é recebida aos gritos pela mãe, que a acusa de ter tirado dela o benefício financeiro da previdência. Para se defender e proteger Abdul, ela sai, mas antes diz à mãe: “- O crioulo me estropou. Eu não robei merda nenhuma vaca gorda seu marido me ESTRUPOU me ESTRUPOU.” (SAPPHIRE, 2014, p. 88). Pela primeira vez Precious diz à mãe o que refletiu por muito tempo: que foi estuprada pelo próprio pai, com o consentimento da mãe e, de alguma forma, isto serviu para alertar Mary de que as coisas iriam mudar. Em seguida a esse episódio, ela afirma: “Carl Kenwood Jones é um monstro, NÃO eu!” (SAPPHIRE, 2014, p. 90). Precious se libertou, soltou as correntes que a prendiam à mãe, e mesmo sem ter pra onde ir com o filho, iria mudar sua vida a partir daquele instante. Tinha mais objetivos: “Não vou parar de ir pra escola e não vou entregar o Abdul, e um dia vou pegar a Monguinha de volta, talvez.” (SAPPHIRE, 2014, p. 89). De acordo com Freire (2005, p. 33), “[...] o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos.” Quando o autor se refere ao “ser menos”, está se referindo aos oprimidos, os quais, em algum momento, segundo ele, lutarão contra esta opressão. É o que ocorre com Precious neste trecho da obra. Dessa forma, após todo o aprendizado com o auxílio do projeto, o apoio da professora e amigas, Precious sentiu-se confiante e segura o

suficiente para sair da casa da mãe e dar um basta definitivo na opressão, nos abusos e na violência que sofria.

Outro ponto positivo a ser elencado após a entrada de Precious no projeto foi ter coragem para tomar atitudes, pedir ajuda. Após sair da casa da mãe, foi até o hospital e lá pediu a uma enfermeira que a ajudasse, não tinha para onde ir. “Uma coisa de ter ido pra escola e falar na aula é que eu aprendi a falar.” (SAPPHIRE, 2014, p. 90). Sempre foi muito tímida, demonstrava até certo medo das pessoas, devido a tudo que já havia sofrido. Porém, as rodas de conversa junto de seus colegas e da professora Rain, deram a ela segurança para se expressar e, neste caso, pedir ajuda.

Não tendo para onde ir, Precious é encaminhada a um albergue. Lá ela é roubada durante a noite e acorda sem seus pertences, mas com seu filho e isso a conforta. O discernimento que a menina de 12 anos não tivera sobre sua filha, agora surge na vida da jovem. Não apenas os anos a amadureceram, mas as situações também. Mesmo sem ter para onde ir, sido assaltada, ela só pensa no filho: “Meu corpo é o café da manhã dele. Preciso arranjar alguma coisa pra comer.” (SAPPHIRE, 2014, p. 92). Observando o cenário em que Precious se encontra logo depois de se distanciar da mãe, recorro a Freire (2005, p. 38), quando ele afirma que: “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.”

Dessa forma, é possível fazer analogia ao fato do nascimento de Abdul, um parto onde um indivíduo nasceu, porém, há também o (re)nascimento de Precious, com a sua liberdade, embora ela lhe traga dores, como o afastamento de sua família tóxica e o roubo que sofreu no abrigo.

Diante de todo progresso feito pela protagonista, ela recebeu um Prêmio de Alfabetização, promovido pela prefeitura, no valor de 75 dólares. Mais importante que o valor financeiro, foi o valor pessoal deste prêmio. A jovem passou por muitas dificuldades até chegar neste momento, inclusive se pensou em premiá-la meses antes, porém, como coincidiu com o nascimento de Abdul, a direção do projeto preferiu esperar para ver se Precious persistiria, e ela persistiu. (SAPPHIRE, 2014, p. 96-97).

A melhora na escrita da jovem pode ser observada claramente. Abaixo um trecho de quando escreveu em seu diário no hospital:

Sra. R 19 já, 1988
 A a _____ social ce sab se cero da Mongina Absul pa adosau
 (A assistente social quer saber se quero dar a Monguinha para adoção)
 Cero mata ela
 (quero matar ela)
 Nuca aguda agora que levar as ciansa embora
 (Nunca ajuda agora quer levar as crianças embora)
 Si leva Abdu eu nau tem nada
 (Se levar o Abdul eu nau tenho nada) (SAPPHIRE, 2014, p. 84).

É possível perceber a dificuldade da jovem em escrever de maneira formal, ela transpõe para a escrita muitos aspectos da linguagem oral. Ainda assim acontece a comunicação. Já no trecho abaixo, observamos Precious mais de um ano após o nascimento de Abdul:

3/5/89
 Eu não tô exatamente em nenhum estado de choque. Sabia que a vaca branca tinha alguma coisa enfiada na manga. A Srta. Weiss. Foda-se ela. Não preciso dela se ela só consegue me ver limpando as bunda dos velho branco. Tô passando por todo esse negócio de aprender a ler e escrever pra não ser nenhuma porra de auxiliar doméstica. [...] (SAPPHIRE, 2014, p. 138).²⁰

Precious continua utilizando alguns aspectos da linguagem oral, porém em menor número. Além disso, percebe-se a aquisição de vocabulário e a capacidade de argumentação e progressão em seu pequeno texto. No exemplo anterior não havia pontuação e agora há. A evolução na escrita é nitidamente mostrada após mais de um ano de estudo no Projeto Cada um Ensina a Um.

Compreendo que a linguagem é uma forma de socialização, por exemplo, quando Precious percorre o caminho da alfabetização, ao se relacionar com a sua turma no projeto da Escola Alternativa ela aprende a ler e escrever, bem como a socializar, ela passa a dialogar com as pessoas, algo que antes não fazia, ou se fez foi de forma subalterna (com a mãe) ou agressiva (com os professores e colegas da antiga escola).

Diante de todas as transformações ocorridas após a sua entrada na Educação Alternativa é perceptível a importância que o projeto teve em sua trajetória, sendo crucial para o desenvolvimento de sua autonomia, confiança, socialização e, claro, no seu desenvolvimento educacional.

²⁰ Neste trecho ela se refere à psicóloga Srta. Weiss, a qual anotou a ficha de Precious que ela poderia conseguir um emprego de doméstica, sugerindo que a adolescente não precisaria mais estudar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler *Preciosa* sem pretensão de análise e analisar esta obra a partir de diversas leituras e pontos de vista foi com certeza um desafio. Inicialmente a adolescente passava uma impressão de tristeza, drama, mas no decorrer das leituras prevaleceu a impressão da vitória, do crescimento, da resiliência. Este livro deixou de ser lido como uma história triste para se tornar umas das histórias mais surpreendentes de crescimento pessoal e profissional.

Diante da pesquisa realizada algumas considerações foram formadas. A respeito da Literatura enquanto fonte de pesquisa, a partir de Cândido (1999), foi confirmada a hipótese de que obras literárias também podem servir de base para discussões sociais, neste caso com a temática educação.

A Literatura desde a época da colonização busca construir a ficção também a partir da realidade, no caso de *Preciosa* estas informações podem ser observadas com a verossimilhança, localizando o leitor pelas ruas do Harlem, por exemplo.

Outra função da Literatura é a possibilidade de relacioná-la a outras ciências, a partir de Durão (2015), neste caso a área educacional e a partir de uma obra promover uma discussão a respeito da educação enquanto transformadora.

A escola 146 em sua totalidade, equipe de profissionais e alunos, evidentemente não compactuavam com a pedagogia engajada que trouxemos a partir de hooks (2013), pois o senso humanizador, solidário e empático que deveria existir nela aparece, minimamente, ao a Sra. Liechtenstein aconselhar a jovem Precious a entrar no projeto Cada um Ensina a Um. Porém, há também a possibilidade desta sugestão ter sido na verdade uma forma de transferir a responsabilidade sobre Precious a outra instituição, visto que aos 16 anos não era alfabetizada, apresentava uma relação agressiva com os professores Wisher e Sra. Liechtenstein, assim como com os colegas.

A dialogicidade abordada por Freire (1987) também não pode ser vista nas relações estabelecidas na escola. Poucos profissionais são apontados durante o enredo, mas ainda assim os que são não demonstram qualquer proximidade com Precious, pelo contrário, o que se evidencia é o apagamento da jovem.

Já na Escola Alternativa, ao participar do Projeto Cada Um Ensina a Um, Precious tem acesso à educação, à solidariedade e a um profissionalismo humanizador e responsável.

Sua relação com os colegas é outra, na qual prevalece a solidariedade e a escuta, sem agressões. Sob a orientação da professora Blue esta turma é unida em um propósito principal que é o diploma, mas acabam por ir além dos espaços do projeto, dando apoio a Precious com seu filho, a visitando e levando/trazendo seu diário do hospital para a professora Blue, contribuindo para que a recém mãe possa dar continuidade aos seus estudos, fazendo o que de fato o projeto propõe e carrega em seu nome: Cada Um Ajuda Um.

A professora Blue se coloca como o que Billings (2008) chama de professor culturalmente relevante, pois respeita seus alunos, suas culturas e histórias e ainda incentiva a conhecer mais sobre o seu povo, como quando recomenda a Precious que assista uma série que tratava da temática da escravidão e a busca pela liberdade.

Blue também pode ser observada pela ótica da pedagogia engajada abordada por hooks (2013), pois trabalha por uma educação pela liberdade, respeitosa, fraterna, humana, protetora. A professora do projeto ensina desta forma, busca se aproximar das realidades vividas pelas alunas, mantém seu profissionalismo e exigência, torna-se confiante de Precious, alimenta este canal de comunicação que representa o diário, providencia um local para que Precious more com Abdul e garante que, através de seu apoio, ela não deixe os estudos.

As metodologias utilizadas pela professora foram muito importantes para o desenvolvimento da jovem. A prática dos círculos como forma de compartilhamento de experiências e preferências trouxe o sentimento de igualdade e cooperatividade entre as colegas, principalmente porque até a professora participava ativamente destas atividades, não só mediando, mas compartilhando também, dessa forma era possível perceber que todas tinham suas dificuldades e juntas poderiam buscar seus objetivos.

A prática do “Cada Um Ensina a Um” era exatamente o que o título sugere, as alunas se ajudavam nas atividades, como escrevendo o alfabeto no quadro, onde quem sabia um pouco mais ajudava a quem estava começando, como Precious.

A escrita em diário também foi fundamental para o desenvolvimento de Precious. Através dele, primeiramente, houve o interesse em começar a escrever, sendo que Precious mal abria o caderno na escola antiga. Em seguida, foi a oportunidade que a jovem teve para revelar a sua história e receber conselhos da professora que a fizeram refletir e a auxiliar nas tomadas de atitude. E, claro, foi o

suporte para Precious aprender e praticar a escrita, a qual foi possível observar que melhorou consideravelmente depois de 1 ano no projeto.

Este ensino preocupado, empenhado, humanizador e responsável traz reflexões importantes para sociedade em geral para a valorização deste tipo de profissional que vai além da sua função para garantir o bem estar dos alunos. Mas, acima de tudo, esta reflexão atinge professores que se deparam com diversas situações, algumas semelhantes à trajetória de Precious, e se sentem de mãos atadas diante destas adversidades, principalmente em uma sociedade onde nem sempre é possível, através de algumas ligações, conseguir um abrigo e tirar um aluno vítima de violências da casa com o agressor.

Mesmo assim, analisar *Preciosa* e refletir sobre como a educação pode ser transformadora promove esperança de que profissionais humanos e preocupados com os alunos estão por aí fazendo a diferença na vida de muitas crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, *et al.* **Importância dos vínculos familiares na primeira infância:** estudo II / organização Comitê Científico do Núcleo pela Infância. Redação Beatriz de Oliveira Abuchaim...[et al.]. 1. ed. -- São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2016. -- (Série Estudos do Comitê Científico: NCPI; 2).

ALBERTI, V. **Literatura e autobiografia:** a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2313> Acesso em 22 de outubro de 2018.

ARISTÓTELES. **Arte Poética.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>. Acesso em: 10 de jan. de 2020.

BAPTISTA, C. R.; FARINA, B. C. A estigmatização e a produção de si: reflexões sobre o filme Preciosa. **Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul**, 2012.

BILLINGS, G. L. **Os guardiões de sonhos:** o ensino bem-sucedido de crianças afro-americanas. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BRITO, A. E. Prática pedagógica alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural. **Revista Iberoamericana de Educación**, nº 44/4 – 10 nov. de 2007. Disponível em: www.rieoei.org/deloslectores/1877Brito.pdf Acesso em 22 de outubro de 2019.

CASCAIS, M. das G. A.; TERÁN, A. F. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciência em Tela**, vol. 7, nº 2, 2014.

Conceição Evaristo: a literatura como arte da “escrivência”. 11/07/2016. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevencia-19682928>. Acesso em 28 de outubro de 2018.

DARTIS, M. RAMONA [“SAPPHIRE”] LOFTON (1950-) publicado em 15/4/2013. Disponível em: <https://www.blackpast.org/african-american-history/lofton-ramona-sapphire-1950/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

DIÓGENES, E. M. N.; PRADO, E. C. do. O papel da escola na vida familiar dos alunos: análise imagética do filme “Preciosa”. **IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. ISSN 1982-3657.

D’ONOFRIO, S. **Teoria do Texto:** Prolegômenos e teoria da narrativa. Editora Ática, São Paulo. 1995.

GELBCKE, V. R. A Preciosa educação como caminho para a emancipação. **Revista Vernáculo**, Curitiba, n. 32, dez. 2013. ISSN 2317-4021.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 6ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 149 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra, 2005.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LEITE, L. C. M. **O Foco Narrativo**. Editora Ática, São Paulo, 1993.

MENDEL, P.; PELISOLI, C. Preciosa: a escola como um contexto potencializador de proteção e resiliência. **Revista e-Lato Sensu - FACOS/CNEC**. Volume 2, outubro de 2012 – ISSN 2237-9606.

MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. 12. ed. rev. São Paulo: Cultrix, 2004.

MUNANGA, K. Construção da Identidade Negra no contexto da Globalização. *In: Vozes além da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africanas*. Ignacio G. Delgado et al (org.). Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006. p. 19-41.

O Garoto. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/o-garoto/artigo/192cd5df-c357-4541-a44c-ee2b321ef433> Acesso em 20 de novembro de 2018.

O livro quarto de despejo e suas questões jurídicas. 22/02/2018. Disponível em <https://www.geledes.org.br/o-livro-quarto-de-despejo-e-suas-questoes-juridicas/> Acesso em: 01 de novembro de 2018.

PASSMORE, J. **O conceito de ensino**. 1980. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/cadernos/ensinar/passmore.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2018.

PRECIOSA: UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA. Direção: Lee Daniels. Estados Unidos. 2009. 110 minutos.

SAFFIOTI, H. I. B. Primórdios do conceito de gênero. **Cadernos Pagu** (12) 1999: pp. 157-163. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=2ahUK EwibnqSQ5ubeAhUGkZAKHVkrCRIQFjACegQIBxAC&url=http%3A%2F%2Fwww.bibliotecadigital.unicamp.br%2Fdocument%2F%3Fdown%3D51300&usq=AOvVaw2W5lL9KYh6XhWQx3UnM6rl> Acesso em 12 de maio de 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu** (16) 2001: pp. 115-136. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf> Acesso em: 01 de maio de 2018.

SCOTT, J. W. Igualdade Versus Diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. *In: Debate Feminista*. Cidadania e Feminismo. 1988. p. 173- 222.

STREET, B. Perspectivas Interculturais sobre o letramento. *Filologia* 7. 2007. p. 465-488.

SAPPHIRE. **Preciosa**. Tradução Alves Calado. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

SAPPHIRE, ESCRITORA AMERICANA, 2015. Disponível em: <http://biblioo.info/sapphire-escritora-americana/>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

SAPPHIRE. 2018. Grupo Editorial Record. Disponível em http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=5612. Acesso em 13 de novembro de 2018.

VICTOR, F. **FÁBULA AMARGA CONDUZ “PRECIOSA” DA LAMA À TELA**, 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2301201013.htm>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.